

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**ANA SUY SESARINO KUSS**

**AMOR E DESEJO: UM ESTUDO PSICANALÍTICO**

**CURITIBA**

**2014**

**ANA SUY SESARINO KUSS**

**AMOR E DESEJO: UM ESTUDO PSICANALÍTICO**

**Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia, na linha de pesquisa de Psicologia Clínica, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nadja Nara Barbosa Pinheiro**  
**Coorientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Vinícius A. Darriba**

**CURITIBA**

**2014**

## TERMO DE APROVAÇÃO

ANA SUY SESARINO KUSS

AMOR E DESEJO: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nadja Nara Barbosa Pinheiro  
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Coorientador: \_\_\_\_\_

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Vinicius Anciães Darriba  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Heloísa Fernandes Caldas Ribeiro  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Maurício José d'Escagnolle  
Cardoso  
Universidade Federal do Paraná - UFPR

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Rosane Zetola Lustoza  
Universidade Federal do Paraná – UFPR

Curitiba, de            de 2014

*À Dolores, minha mãe, que me ensinou a amar.*

*Ao Jorge, meu pai, que me ensinou a brincar com as palavras.*

*À Mariê e à Aemi, minhas irmãs, que me ensinaram a (me) esticar (com) o amor.*

*Ao Lucas, meu irmão, que me ensina que quando se trata de amor, há sempre mais, ainda.*

*Ao Gabriel, meu marido, que me ensina a brincar com o amor e a amar as brincadeiras.*

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Vinicius Darriba, de modo especial, por acreditar neste projeto num primeiro momento e, depois, também num segundo momento. Obrigada pelos apontamentos precisos que fizeram a distância entre o Rio de Janeiro e Curitiba se reduzirem ao mínimo.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nadja Nara Barbosa Pinheiro, que com suas breves e delicadas intervenções me convidou a pensar sobre tantas coisas que pareciam claras, quando não eram.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Heloisa Caldas e ao Prof. Dr. Mauricio José d'Escragnolle Cardoso, pelas preciosas pontuações na banca de qualificação, que me ajudaram a ressignificar toda a minha pesquisa.

Às amigas Carla Françaia, Juliana Radaelli e Licene Garcia, pelas conversas psicanalíticas e principalmente pelas não-psicanalíticas.

À Shirley Sesarino, pelo incentivo.

Aos amigos que fiz no mestrado, pelas conversas regadas à cafeína.

À UFPR, nas pessoas dos professores e funcionários, pelo acolhimento.

*Se nada nos salva da morte,  
pelo menos que o amor  
nos salve da vida.*

(Pablo Neruda)

## RESUMO

Este estudo investiga a relação entre o amor e o desejo na teoria de Freud e de Lacan. Inicialmente destacaremos o modo como o desejo nasce e em seguida como o amor aparece, para então analisarmos as convergências e divergências que há entre o amor e o desejo. Demonstraremos que amor e desejo se aproximam apenas no que tange ao seu nascimento, mas que em vários outros pontos eles se afastam, ou se opõem. Nesse ponto chegaremos à importância do conceito de gozo, que é o que está entre o amor e o desejo, ora unindo-os, ora separando-os. Estudaremos, então, as maneiras como amor, desejo e gozo se presentificam no modo como as relações amorosas se constituem, diferenciando os modos com que essas amarrações se fazem para o homem e para a mulher. Ao final, falaremos da articulação entre amor, desejo e gozo que a palavra de amor possibilita.

**Palavras-chave:** Amor. Desejo. Gozo. Freud. Lacan.

## **ABSTRACT**

This study investigates the relation between love and desire in the theory of Freud and Lacan. Initially we will highlight the way the desire rises, followed by how the love appears, and then we will analyze the convergences and divergences that exist between love and desire. We will demonstrate that love and desire get close only at birth time, but there are several other points when they deviates, or oppose. At this point we will get to the importance of the concept of jouissance, which is what is between love and desire, sometimes connecting them, other times splitting them. We will then study how love, desire and jouissance present themselves in the way love relations are constituted, pointing the differences and the ways these ties happen for men and women. In the end, we will discuss the articulation among love, desire and jouissance that the love word enables.

**Keywords:** Love. Desire. Jouissance. Freud. Lacan.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 DESEJO, DEMANDA E NECESSIDADE</b> .....	14
1.1 O NASCIMENTO DO DESEJO.....	15
1.2 A EXPERIÊNCIA DE SATISFAÇÃO .....	16
1.3 O OBJETO PERDIDO E A LINGUAGEM .....	20
1.4 <i>DAS DING</i> .....	23
1.5 A FANTASIA.....	26
<b>2 O NASCIMENTO DO AMOR</b> .....	31
2.1 O AMOR COMO PROTÓTIPO INFANTIL .....	33
2.2 O PRIMEIRO AMOR – O EU.....	38
2.3 A RESTITUIÇÃO NARCÍSICA PELO AMOR.....	42
2.4 AMOR TRANSFERENCIAL.....	45
<b>3 O AMOR COMO TENTATIVA DE RESPOSTA AO DESEJO</b> .....	49
3.1 O AMOR COMO MILAGRE .....	49
3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DA FALTA DE OBJETO .....	51
3.3 O AMOR CORTÊS .....	54
<b>4 AMOR, DESEJO E GOZO</b> .....	59
4.1 GOZO, O QUE É ISSO?.....	59
4.2 SOBRE OS PARADIGMAS DO GOZO.....	60
4.3 ENTRE O GOZO E O DESEJO: O AMOR.....	63
4.4 AMOR, DESEJO E GOZO NA PARTILHA SEXUAL .....	68
4.5 A POSIÇÃO EROTOMANÍACA E A POSIÇÃO FETICHISTA .....	72
4.6 AMOR E DESEJO: AFASTAMENTOS E APROXIMAÇÕES.....	76
4.7 O AMOR PARA ALÉM DO NARCISISMO .....	81
4.8 O ENLACE ENTRE AMOR, DESEJO E GOZO ATRAVÉS DAS PALAVRAS.....	83
4.9 O AMOR NÃO FAZ A RELAÇÃO SEXUAL EXISTIR .....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	88
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	91

## INTRODUÇÃO

Os temas amor e desejo despertam grande curiosidade, interesse e até mesmo encanto na maioria das pessoas. Ambos os temas foram trabalhados antes do surgimento da psicanálise e não são conceitos pertencentes apenas ao campo psicanalítico, porém se fazem importantes para a psicanálise, por ambos dizerem da relação do sujeito com sua falta. No que se refere ao amor, é difícil uma pessoa que não tenha uma ideia imaginária do que ele seja. Como o amor é um tema central na vida de grande parte das pessoas, é comum que tenhamos ideias acerca dele. No que se refere à sua relação com o desejo, é comum encontrarmos conjunções e disjunções: a presença de um não parece ser garantia da presença de outro.

É comum escutarmos na clínica as inúmeras queixas dos sujeitos, ora em relação à disjunção que há entre amor e desejo, ora relacionadas à conjunção que pode haver entre amor e desejo. Ao nos aproximarmos da psicanálise rapidamente percebemos que a relação entre amor e desejo, embora sejam temas que não foram inaugurados em seu campo, é um estudo que se faz fundamental em psicanálise. Amor e desejo são diferentes respostas para a falta. Lacan ([1972/73]/2008, p.89) nos diz que em uma psicanálise não se faz outra coisa a não ser falar de amor. Os modos pelos quais se ama e se deseja, dizem da estrutura psíquica e da posição que cada sujeito adota diante da vida.

A própria história da psicanálise diz de uma história de amor e desejo, uma vez que nasce a partir da relação entre Anna O. e Breuer. McGuire relata que Freud (1974, p.10), em uma carta a Jung, diz que a psicanálise é, em essência, a cura pelo amor. O conceito de transferência, que é um dos conceitos fundamentais da psicanálise, é um amor de repetição, uma relação amorosa que irá desembocar no campo do desejo. Porém, a nossa questão nesta pesquisa não pretende se debruçar na relação que há entre amor e desejo, especificamente na relação transferencial que acontece no setting analítico, embora de acordo com a teoria freudiana, seja uma tarefa difícil diferenciar a relação transferencial da relação amorosa dita como normal, mas o que nos interessa aqui é estudar a relação que há entre amor e desejo na maneira como os sexos se relacionam (ou não se relacionam, fazendo alusão ao aforismo lacaniano de que "a relação sexual não existe".)

A literatura, a ciência, a religião são campos que falam sobre amor e sobre desejo. O amor, em sua relação com o desejo, é um tema que atravessa todos os discursos e corpos. É o amor que nos humaniza e nos civiliza (FREUD, [1929/30/1996]). Sabe-se que um bebê não vive se não for amado por alguém que, na função materna, o acolha, o alimente, o deseje e o insira na linguagem. É a partir do desejo primeiramente da mãe, e depois também do pai, que o aparelho psíquico se estrutura. O complexo de Édipo, coluna vertebral da teoria freudiana, é uma história de amor e de desejo, é a história de como aprendemos a desejar e a amar.

Não é por coincidência que a psicanálise surge junto com o Romantismo. É a partir dessa ideia romântica, da busca de uma unidade entre os amantes, que Freud vê nascer a psicanálise. O Romantismo sonhava com o retorno a uma época em que os homens seriam mais felizes e naturais, enquanto o Iluminismo acreditava em uma sociedade igualitária. Já Freud dá eco a essas duas vozes, instaurando a psicanálise em uma terra onde haveria espaço tanto para a instabilidade humana (Romantismo) quanto para a racionalidade (Iluminismo).

Na obra freudiana o tema do amor aparece durante todo o tempo, ora como sexualidade, ora como libido, ora como paixão. O tema do amor muda diversas vezes ao longo da teoria, e, aos poucos, o termo, que era usado de um modo pouco preciso, vai ganhando o estatuto de um conceito. Já o termo desejo, é introduzido em 1900, com "Interpretação dos sonhos", desde o início já como um importante conceito psicanalítico.

O amor se faz cotidiano por ser uma busca da plenitude para o sujeito desejante. O amor, da forma como se entende rotineiramente, é da ordem da fusão e pretende fazer dois virarem um. Contudo, a psicanálise vem atestar justamente, nos termos do desejo, a impossibilidade da completude para o humano, pois ela nos ensina que o amor não pode eliminar a falta, já que a falta faz parte da constituição psíquica. Nesse sentido, tanto Freud quanto Lacan desconstruem o ideal amoroso. Lacan traduziu a impossibilidade da complementaridade entre os sexos com seu aforisma, ao qual nos referimos acima, que *não há relação sexual*. Desse modo, a psicanálise, marcada tanto pelo Romantismo quanto pelo Iluminismo, vem atestar a impossibilidade do amor pela via da complementaridade.

Freud recorre ao mito de Aristófanes e entende que o desejo de complementaridade se originaria de um modo correspondente ao que a fábula conta,

ao explicar que, em sua origem, os seres humanos se encontravam divididos em três gêneros, diferentemente de hoje, que seríamos divididos em dois, macho e fêmea. Eram eles: masculino, feminino e andrógino. O terceiro gênero continha as características dos outros dois. Isso fazia com que eles fossem muito fortes, e assim ambicionassem o lugar dos deuses. Em uma batalha eles foram vencidos por Zeus, que os castigou, separando o terceiro sexo, do modo que somos hoje. Para Aristófanis, então, é porque os seres humanos foram cortados ao meio que vivem em busca de suas almas gêmeas, como se ansiassem pela completude que um dia houve.

Freud diz que "para intensificar a libido, se requer um obstáculo; e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais" (1910/1996c, p.193). Isso nos leva a entender por que as histórias de amores impossíveis nos fisgam de forma tão intensa. Tal como a literatura romântica, a psicanálise fala de amores interditados. A própria história edípica é uma história de amor e desejo pelos pais, que, por ser interditado, é impossível de ser realizado plenamente.

Podemos entender, em vários momentos da obra freudiana, que o desejo era o de retornar a um estado anterior, com o intuito de restaurar as primeiras satisfações. Porém, com Lacan, fica evidente que esta satisfação anterior nunca houve, visto que o homem a ela renunciou ao adentrar na linguagem, e assim se humanizou e tornou-se desejante. O ser só é humano porque uma linguagem o constitui. "É a entrada na ordem simbólica que inaugura o desejo, diferenciando a espécie humana dos outros seres vivos." (FERREIRA, 2004, p.12). Isso nos leva a pensar que os objetos que se desejam são substitutos para aquele que imaginariamente fora perdido, quando na verdade nunca existiu. Há uma fenda entre a ordem do humano e a ordem da natureza, o que faz com que o desejo humano não encontre seu correspondente no mundo natural.

Dizer que o amor faz, de dois, um, seria equivaler o amor ao desejo, seria fazer existir a complementaridade entre os sexos. Entretanto, há algo que medeia amor e desejo, ora os aproximando, ora os afastando, que supomos ser o gozo. Para Freud, a palavra gozo era apenas um vocábulo da língua, foi somente com Lacan que a palavra gozo ganhou o estatuto de um importante conceito. É o gozo que desorganiza, mas também que permite as articulações entre amor e desejo. Há uma equivocidade entre eles.

Para amar, assim como para desejar, é necessário que haja o reconhecimento de uma falta. Mas quais são os pontos de encontro entre amor e desejo na psicanálise? De que maneiras eles se relacionam? O que permite que ora amor e desejo se aproximem, ora se afastem? Com a proposição lacaniana de que todo desejo implica uma falta, poderíamos pensar, então, que quando amamos não desejamos, porque o desejo está sempre em outro lugar? Seria esta hipótese que levaria aos desencontros entre os sexos? Qual é o lugar que o gozo tem na relação entre o amor e o desejo? Estas são as perguntas que nos nortearão nesta pesquisa.

Para responder a tais questões, no primeiro capítulo iniciaremos falando sobre o tema do desejo, pois, como veremos, para amar é preciso antes o desejo. Falaremos sobre a trilogia desejo, demanda e necessidade, trabalhada por Lacan em sua leitura da obra freudiana. Isso porque, ao falarmos de amor, remetemo-nos à esperança humana de encontrar a completude, na restauração da perda original, colocada por Freud como a experiência de uma satisfação inicial que foi perdida. À busca pelo seu retorno ele dá o nome de desejo. Se o desejo é o que nos move a encontrar um objeto perdido, é o amor que nos permite o (re)encontro com o objeto – ainda que parcial. Veremos de que modo há o estabelecimento do desejo, a busca pelo objeto perdido, a sua relação com a experiência de satisfação, *das Ding* e a fantasia.

No segundo capítulo estudaremos o nascimento do amor. Para Freud, o amor estava ligado à possibilidade de encontro com uma satisfação narcísica. Por isso estudaremos a relação que há entre amor e narcisismo, entre amor e ideal. Em seguida se fará importante discutirmos brevemente sobre o amor transferencial, para chegarmos à ideia lacaniana do amor como metáfora para o desejo.

No terceiro capítulo falaremos, então, do amor como tentativa de resposta ao desejo. Em Freud, quando buscamos por conjunções e disjunções entre amor e desejo, o que encontramos é uma articulação entre amor e fantasia como uma tentativa de recuperar uma parcela do narcisismo perdido. Para Lacan, encontramos a ideia de amor como algo que se substitui, e que por isso é chamado de metáfora. Percebemos então que o amor pode ser entendido como a tentativa de uma resposta ao desejo.

O amor tenta preencher a falta que no campo do desejo é impossível de ser preenchida. Por isso será preciso estudar os modos de operar do gozo. No quarto

capítulo investigaremos possíveis articulações entre amor, desejo e gozo. Isso porque se há algo que torna os sexos suplementares, e não complementares, são os diferentes modos de gozo que existem na partilha sexual. Investigaremos as conjunções e disjunções que há entre amor e desejo, mediados pelo gozo. A nossa hipótese é a de que a proposição que encontramos na psicanálise consiste em que o amor regula o desejo, tornando assim o sexo tolerável.

Temos presente que o saber em psicanálise não aponta para uma verdade última, mas nos permite fazer algumas construções. Em um ambiente universitário, parte-se do pressuposto de que ao fazermos uma pergunta, encontraremos uma resposta, o que de forma alguma é o que se pretende ao fazer uma pesquisa em psicanálise, sob o risco de que a psicanálise se desconstrua nessa obturação de sentido. Mas se a formação do analista, apesar de não se sustentar num saber teórico também não o dispensa, da mesma forma a pesquisa em psicanálise, apesar de não se sustentar em respostas, não elimina as respostas parciais, o que motiva a escrita deste texto.

## 1 DESEJO, DEMANDA E NECESSIDADE

*Não quero rosas, desde que haja rosas.  
Quero-as só quando não as possa haver.  
Que hei-de fazer das coisas  
Que qualquer mão pode colher?*  
(Fernando Pessoa)

O desejo se funda na perda do objeto, momento esse que marca a entrada do sujeito em uma relação contínua com uma insatisfação. E como não há o objeto, o desejo não se realiza. O desejo se mantém sempre insatisfeito. Tal insatisfação leva o sujeito falante a uma contínua busca por novos objetos, sempre na tentativa de encontrar esta satisfação. Isso marca a relação do sujeito com o objeto de um modo que é fugaz, pois se está sempre em busca de novos objetos, que proporcionem a plenitude da satisfação.

Na perda originária de satisfação, passa-se a viver continuamente com a falta de satisfação: "essa relação propriamente metonímica de um significante ao outro que chamamos de desejo, não é o novo objeto, nem o objeto anterior, é a própria mudança de objeto em si". (LACAN, [1959/60]/2008, p.344).

O desejo é o que nos inaugura como humanos, como seres sexuais e nos diferencia dos animais. Na teoria freudiana, o livro "A interpretação dos sonhos" (1900/1996) levou à conceitualização do sexual no sentido da realização de desejo concernente a um sonho. Na constituição do sujeito, o desejo é entendido primeiramente, então, como da ordem alucinatória. Isso porque mesmo em Freud já se faz presente a ideia de que o desejo não tem um objeto de satisfação na realidade. Essa ideia nos leva a perceber uma disjunção entre o amor e o desejo, visto que o desejo é impossível de ser satisfeito, enquanto o amor parece ser algo que se refere a uma satisfação.

Para entendermos a relação entre o desejo e a sua satisfação, que se faz fundamental para compreendermos a relação entre amor e desejo, é importante trabalharmos o desejo desde a sua origem em nossa constituição subjetiva.

## 1.1 O NASCIMENTO DO DESEJO

As experiências iniciais infantis são marcadas na criança como sensações brutas, porque mesmo para a criança não fazem sentido. Essas experiências são lapidadas junto com a mãe. Por isso as experiências infantis irão adquirir o sentido que a mãe atribuir a elas.

O desejo é efeito de uma falta. Não de uma falta qualquer, mas da insuperável falta que é a marca da incompletude. O desejo sexual (todo desejo o é) não é uma produção original do sujeito, porque está endereçada ao Outro, isso porque é a partir desse Outro que nos constituímos. A falta é transmitida pelo Outro, e o desejo é a própria falta no Outro. Portanto, o ser humano sempre irá buscar objetos substitutivos na tentativa de restaurar esse objeto perdido.

Podemos pensar este objeto perdido como "a coisa", *das Ding*, da qual Freud falava no Projeto para uma psicologia científica ([1950/1895]/1996), sobre a qual discutiremos mais à frente. Veremos que o objeto, dito perdido, na verdade nunca existiu, e por isso é impossível de ser alcançado. O desejo é metonímico porque desliza sobre objetos substitutos, encontra o vazio de objeto em objeto, jamais se satisfazendo.

Veremos no segundo capítulo que o amor seria uma das possibilidades de transformação do desejo em demanda, possibilitando, assim, a metaforização do desejo, que só pode ser dito com a condição de que algo dele se perca, permitindo o encontro com uma satisfação parcial.

"O desejo, ao contrário do amor, faz parte da estrutura subjetiva. Em função da marca fundamental dessa estrutura, que é uma falta radical, o homem inventou o amor e seus mitos" (FERREIRA, 2004, p.12). O desejo é inaugurado quando o sujeito adentra na ordem simbólica, é justamente ele que diferencia a espécie humana dos outros seres vivos.

Em Freud, o conceito de desejo nasce de um modo organizado com o livro "A interpretação dos sonhos" (1900). Desde essa importante publicação, o desejo aponta para uma experiência em que a sua realização se dá fora da realidade, por isso pode-se entender o sonho como a realização de um desejo inconsciente. O desejo não aparece sozinho na teoria psicanalítica, mas sim associado à ideia de

sua realização. Diz Freud que "os sonhos não passam de realizações de desejos" ([1900/01]/1996, p.580) e mais à frente diz que aquele desejo que acaba por produzir um sonho não se trata de qualquer desejo, mas de um desejo infantil (p.583). Garcia-Roza afirma que o desejo infantil é indestrutível porque jamais poderá ser plenamente satisfeito, mas não imutável, o que faz com que cada vez que um desejo retorne, é de outro modo que ele aparece, é "um retorno da diferença" (1993/2004, p.176).

Para explicar o nascimento do desejo, Freud diz da experiência de satisfação, que seria o momento em que a necessidade passa para o campo do desejo.

## 1.2 A EXPERIÊNCIA DE SATISFAÇÃO

Freud recorre a uma etapa anterior à capacidade de funcionamento do aparelho psíquico, e diz que, a princípio, os esforços do aparelho tinham como objetivo mantê-lo longe de estímulos (o que nomeou como princípio da constância). Desse modo, qualquer excitação sensorial pela qual o aparelho psíquico fosse acometido, seria imediatamente descarregada por uma via motora.

Quando tomado pela fome, por exemplo, o bebê grita e chuta, fazendo a descarga de libido na extremidade motora, mas isso não faz com que a sua fome seja saciada, pois "a excitação proveniente de uma necessidade interna não se deve a uma força que produza um impacto *momentâneo*, mas a uma força que está continuamente em ação" (FREUD, [1900/01]/1996, p.594).

No caso do bebê é preciso que outra pessoa, ou seja, que um estímulo externo dê fim ao estímulo interno – no caso, seria a mãe amamentar o bebê. A isso Freud chamou de vivência de satisfação: um estímulo externo que cessa um estímulo interno, associando uma percepção específica a uma imagem mnêmica. A partir daí, a cada despertar de necessidade, a imagem mnêmica é convocada, na tentativa de que a percepção seja revivida, e que assim a satisfação original se repita.

Essa primeira experiência de satisfação que produzirá um traço mnêmico, constituirá a representação do processo pulsional para a criança, que é reativado quando o estado tensional aparece. Essa reativação aparece sob a forma de uma

satisfação alucinatória, visto que a criança não saberá diferenciar nesse momento a reativação da sua lembrança com a percepção do acontecimento presente. Essa imagem mnêmica será utilizada pela criança na tentativa de orientar suas buscas em direção ao objeto que realmente lhe satisfaça, já que este objeto real de satisfação parece corresponder ao objeto da imagem mnêmica. A imagem mnêmica acaba por funcionar no aparelho psíquico como uma representação antecipada da satisfação ligada ao dinamismo do processo pulsional.

Freud diz: "Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo" ([1900/01]/1996, p.595). Portanto, o bebê alucina na intenção de obter o prazer da satisfação, mas não a encontra. E por não encontrá-la, o que se tem é uma sensação de desprazer, que inclina o sujeito a abandonar a imagem mnêmica aflitiva.

Portanto, assim que a necessidade novamente surgir, aparecerá um impulso psíquico que reativará esse traço mnêmico, reconstituindo a situação da primeira satisfação. Desse modo, a aparição dessa percepção de caráter alucinatório será a realização do desejo. Posteriormente essa alucinação será inibida pelo ego.

É desde o ponto em que o sujeito deseja que a conotação de realidade é dada na alucinação. "E se Freud opõe o princípio de realidade ao princípio do prazer, é justamente na medida em que a realidade é aí definida como dessexualizada" (LACAN, 1964/1988, p.147).

Freud chamou a evocação mnêmica de "primeiro sistema" e a inibição mnêmica de "segundo sistema". O nosso "primeiro sistema" acha-se em nosso aparelho psíquico desde o princípio, mas o "segundo sistema" irá constituir-se e sobrepor-se aos processos primários ao longo da vida. Por isso ele diz que uma ampla esfera do material mnêmico fica inacessível à nossa consciência e à nossa compreensão, pelo aparecimento tardio dos processos secundários.

Freud destaca que todo sonho é uma realização de desejo, mas que os sonhos não podem ser a única forma dessas realizações acontecerem, apontando para o sintoma também como realização de um desejo inconsciente, visto que estão também submetidos a um processo primário e a um processo secundário. Freud nos aponta, então, a realização do desejo sempre como algo que não se inscreve na realidade. E esclarece:

O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais (FREUD [1900/01]/1996, p.637).

Tal apontamento nos leva a perceber que, embora Freud crie um método para interpretar sonhos, ou seja, para dar clareza ao que há de obscuro nos sonhos, reconhece que algo sempre se mantém ininterpretável, não só no inconsciente como também na própria realidade, destacando que há sempre algo da ordem do impossível de se captar, que há algo que sempre se perde. Como vimos, algo há de ser perdido para fundar o desejo.

No texto "Projeto para uma psicologia científica" ([1950/1895]/1996), Freud discorre sobre o desamparo do ser humano, que nasce imaturo para enfrentar o mundo externo, colocando-se como dependente de alguém. Nesse texto Freud destaca a vivência de satisfação, da qual acabamos de falar, que se inscreve no psiquismo. Em um primeiro momento a necessidade da criança se faz essencialmente orgânica, e, assim, sem uma representação psíquica que intermedeie a satisfação (DOR, 1989/2003, p.140).

O choro da criança é ouvido como uma demanda, e adquire a função de comunicação. Freud destaca que a primeira experiência de satisfação deixa traços no psiquismo, e que, ao encontrar uma sensação de desprazer, o bebê dirige uma demanda ao outro, pedindo que ele o satisfaça.

Esse outro materno irá nomear essa demanda como fome, frio, dor etc., inscrevendo tais sensações no psiquismo. Essas sensações corporais fazem sentido apenas na condição de que o outro lhe atribua algum sentido.

Se estas manifestações fazem imediatamente sentido para o outro, que a criança é de imediato colocada num universo de comunicação, onde a intervenção do outro constitui-se como resposta de algo que foi, de antemão, suposto como uma demanda [...] Não se pode deixar de tomar esta demanda suposta como projeção do desejo do Outro (DOR, 1989/2003, p.144).

Desse modo, a mãe ocupa a posição de Outro, pois insere o sujeito no mundo dos seus próprios significantes. A criança é submetida aos cuidados desse Outro, e dele receberá os primeiros cuidados, que pretenderão apaziguar a angústia das primeiras sensações. Essa angústia provém da inexistência de um traço

instintivo. A partir desses primeiros contatos, a criança será decodificada pela linguagem materna e por seu desejo. Para Freud, os pais constituem a fonte de todos os conhecimentos (1908/1996, p.219).

Podemos concluir que, em última análise, não existe satisfação do desejo na realidade, uma vez que a dimensão do desejo não tem outra realidade que não a de uma realidade psíquica. Isso nos leva a pensar que o que sustenta o desejo é da ordem de uma fantasia, e não de uma realidade.

Aí percebemos que a pulsão se satisfaz com a alucinação e também com a sublimação e com a angústia (FREUD, 1914/1996). A pulsão encontra a satisfação em relação ao fim e não em relação ao objeto.

Ao satisfazer a necessidade da criança, a mãe presencia um "repouso orgânico", interpretando-o, assim, como um "testemunho de reconhecimento". A isso, a mãe responde com palavras e gestos que tendem a prolongar o repouso da criança. Esta resposta é o que fará a criança se satisfazer para além de sua necessidade.

Quando a necessidade reaparecer, essa criança já terá condições psíquicas de convocar o sentido anterior que foi dado à sua primeira experiência de satisfação, e a reviverá como uma alucinação. O surgimento do desejo fica atrelado à busca do reencontro com essa primeira experiência de satisfação, ou melhor, com os resíduos inassimiláveis que dela restam.

Porém, a partir da segunda experiência, a criança é convidada a significar aquilo que deseja. A mediação da nomenclatura funda uma hiância entre aquilo que se deseja e aquilo que é ouvido do desejo, quando o desejo é passado para a demanda.

Para Freud, a experiência de satisfação está relacionada à privação ([1950/1895]/1996, p.370) Uma criança em estado de desamparo não tem meios para evitar o desprazer. De acordo com o autor, o desamparo inicial é a fonte primordial de todos os motivos morais. Desse modo, é o desamparo que funda o laço social, visto que o sujeito em estado de desamparo recorre ao Outro.

Para Lacan, a entrada na linguagem implica uma perda de satisfação, pois é a própria experiência mítica dessa primeira satisfação que comporta a perda de algo que não pode ser representado. Porém, como Freud disse, o ser humano não abre mão de uma satisfação já encontrada ([1929/30]/1996), o que faz que a todo o momento a tentativa de reencontro insista em acontecer.

Lacan, em seu seminário "A relação de objeto" diz:

Freud insiste no seguinte: que toda maneira, para o homem, de encontrar o objeto é, e não passa disso, a continuação de uma tendência onde se trata de um objeto perdido, de um objeto a se reencontrar [...] Uma nostalgia liga o sujeito ao objeto perdido, através da qual se exerce todo o esforço da busca. Ela marca a redescoberta do signo de uma repetição impossível, já que, precisamente, este não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo. (LACAN, [1956/57]/1995, p.13).

É em virtude da natureza – não natural – da sexualidade humana que o objeto sexual é perdido, ou seja, ele é perdido por estrutura e não em decorrência de algum acontecimento ou experiência da vida dos falantes. É somente com a perda do objeto que seria aquele correspondente ao objeto da necessidade no reino animal e com o advento do objeto do desejo, que o objeto de amor poderá se constituir, na medida em que é substituto do objeto perdido do desejo. Assim, a perda desse objeto primordial promove uma nova ordem subjetiva.

### 1.3 O OBJETO PERDIDO E A LINGUAGEM

*Quando você vai aprender que não existem  
palavras para todas as coisas?  
(Nicole Krauss)*

Vimos que para que haja desejo, é preciso que algo nos falte. Mas o que seria essa falta, necessária para que sejamos sujeitos? No ensino lacaniano entende-se que é a linguagem que nos humaniza. Porém, para que seja possível falar é preciso que algo nos falte. Há, então, a ideia de uma satisfação mítica, anterior à entrada da criança na linguagem. Nessa forma de satisfação que ocorreu primeiramente, anterior a essa em que o desejo tenta se fazer linguagem, a criança tem sua necessidade atendida sem que seja necessário formular um pedido. É apenas num segundo momento que a criança deve endereçar à mãe a sua necessidade, em forma de demanda. De acordo com a teoria lacaniana, quando a criança é inserida no mundo da linguagem há uma perda de satisfação.

Se em um primeiro momento a criança tem tudo o que quer, sem precisar pedir, quando a realidade se impõe, a criança precisará formular uma demanda à mãe para ter as suas necessidades atendidas. Quando se pede o que deseja, a linguagem não alcança todo o desejo. Ter de pedir o que deseja por meio de uma demanda que se endereça ao outro submete a criança à ordem da perda. Alguma coisa se perde, quando a criança, que até então é atendida sem precisar pedir, passa a ter que fazer um endereçamento de seu pedido em forma de demanda ao outro. "Se não fosse por essa perda, o mundo pararia nesse ponto, em uma ilusória auto-suficiência da relação mãe-criança, em uma circularidade de demandas sem nada para ser desejado." (ZALCBERG, 2003, p.57).

O efeito da linguagem é que causa a divisão do sujeito. Como diz Lacan: "Pelo efeito de fala, o sujeito se realiza sempre no Outro, mas ele aí já não persegue mais que uma metade de si mesmo. Ele só achará seu desejo sempre mais dividido, pulverizado, na destacável metonímia da fala." (LACAN, 1964/1988, p.178).

O ser humano é um ser que se manifesta simbolicamente, por meio da linguagem, mas no caso do recém-nascido o que se tem é alguém que não fala ainda, sendo imperativo que alguém fale por ele: o Outro.

É o Outro quem nomeia a necessidade do bebê (fome, frio, etc.), transformando-a em demanda. Assim, o sujeito se aliena na demanda do Outro e de seus significantes, em busca de sentido. O investimento pulsional do Outro se faz através da linguagem. Entre a necessidade e a demanda uma fenda se abre, e ali é que se situa o desejo – o lugar do vazio.

Ao incondicionado da demanda, o desejo vem substituir a condição "absoluta": condição que deslinda, com efeito, o que a prova de amor tem de rebelde à satisfação de uma necessidade. O desejo não é, portanto, nem o apetite de satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta do primeiro à segunda, o próprio fenômeno de sua fenda(spaltung) (LACAN, 1958/1998, p.698).

É na tentativa de aniquilar a sua falta original que um sujeito se move em direção a um objeto. Mas esse encontro nunca acontece plenamente, visto que o que ele encontra não é aquilo que causou o seu desejo. O desejo é indestrutível porque não tem um objeto para satisfazê-lo plenamente. Só existem satisfações

parciais, o que implica seu infindável retorno. Porém, o que retorna não é o desejo imutável, há alterações.

[...] no centro da relação sujeito-objeto, uma tensão fundamental, que faz com que o que é procurado não seja procurado da mesma forma que o que será encontrado. É através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não noutro ponto a que se procura (LACAN, [1956/57]/1995, p.13).

Não há objeto que satisfaça o desejo, mas apenas objeto que o causa. Assim, o que sustenta um desejo é o impossível de satisfazê-lo. Enquanto a demanda pretende suturar a falta no Outro, o desejo pretende manter o Outro faltante.

O corpo é pré-condição para o aparelho psíquico. Porém, que um corpo vivo exista não é o suficiente para que haja funcionamento psíquico. O que funda o campo do sujeito lacaniano não é apenas o desamparo biológico da criança, que por nascer biologicamente imatura torna-se absolutamente dependente de uma mãe. A perspectiva lacaniana vai para além disso, porque considera como causa do recalque a própria linguagem, instaurando como mítico qualquer dado suposto na origem: "Não há sujeito pré-linguístico, assim como não há trauma extralingüístico. O sujeito lacaniano está no corte significante que configura uma borda simbólica e imaginária de fronteira com o real." (CALDAS, 2008, p.5) Por isso o sujeito lacaniano é fundamentalmente um sujeito de linguagem, o mundo humano é o mundo da linguagem.

Entre a necessidade e a palavra, o objeto de satisfação se perde. Tal perda nos leva a não mais falar de necessidades, mas de demandas, como apelos, como pedidos. Nesse ponto inaugura-se um buraco no discurso, visto que só é possível falar a partir de uma perda, o que leva ao impossível de dizer exatamente aquilo que se quer dizer. Nada do que se liga à linguagem diz toda a verdade. É preciso perder para poder falar.

O que põe o desejo a se deslocar é da ordem do princípio do prazer: "A satisfação do princípio do prazer, sempre latente, subjacente ao eu, aquela da tendência ao sujeito como tal, tem sempre a possibilidade fundamental de se satisfazer numa realização irreal, alucinatória." (LACAN, [1956/57]/1995, p.15). O objeto do desejo humano não é um objeto, mas outro desejo. Portanto, o que o homem deseja é sempre o desejo do Outro. O desejo está referido à linguagem. Para

avancarmos neste ponto faz-se necessária a introdução de *das Ding*, em sua leitura lacaniana, que se refere ao vazio que permite que o desejo circule.

#### 1.4 DAS DING

*Meu nome novo é Coisa. Eu sou a Coisa, coisamente.*  
(Carlos Drummond de Andrade)

Freud afirma que "o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro" (1905/1996b, p.210). Tal ponto é retomado por Lacan ([1956/57]/1995, p.13) ao falar sobre a insistência de Freud no fato de que, para o homem, encontrar o objeto é a continuação da busca que se faz ao objeto perdido, de um objeto a se "reencontrar". Tal objeto pode ser representado pelo objeto do desmame, que foi o primeiro ponto de ligação da criança com as suas primeiras satisfações, já que é entre o seio e a mãe que passa o plano de separação que faz do seio o objeto perdido. É em volta dessa nostalgia de um suposto momento em que havia completude, que vai se encaminhar todo o esforço de busca pelo objeto perdido, que pode ser entendido como as buscas que se faz pelo amor.

*Das Ding* é o vazio que permite que o desejo possa circular, nomeado por Freud no projeto psicanalítico e retomado por Lacan como um importante conceito psicanalítico. Para Lacan, o objeto que se busca e que se refere a uma satisfação passada nunca é igual ao objeto que se encontra.

Temos acesso apenas a fragmentos da Coisa, pois, uma vez que eles são representados, são outra coisa.

Esse objeto estará aí quando todas as condições forem preenchidas, no final das contas – evidentemente, é claro que o que se trata de encontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado. Alguma coisa está aí esperando algo melhor, ou esperando algo pior, mas esperando (LACAN, [1959/60]/2008, p.69).

*Das Ding* marca a presença de um encontro que é sempre faltoso. Indica-nos a falta originária, que se atualiza cotidianamente. É a marca do desamparo, do

desengano, que é uma verdade da condição humana. Isso faz com que aquilo que é procurado não seja procurado da mesma forma que o que será encontrado (LACAN, [1956/57]/1995, p.13). Desse modo, "conceber um objeto harmônico, um objeto plenamente satisfatório, que seria assim o objeto por excelência, é desviar-se, segundo Lacan, da psicanálise freudiana" (DARRIBA, 2005, p.65).

A falta não está ligada a um objeto primordial, está ligada à origem da experiência do desejo, assim a falta é condição para o desejo. Em Freud, se o objeto é reencontrado, isso nos leva à ideia de que ele foi mesmo perdido. "Neste caso, é apenas por uma licença teórica que dizemos que o objeto natural foi perdido. De fato, para a psicanálise, ele nunca foi tido." (GARCIA-ROZA, 1993/2004, p.195).

Para Darriba (2005, p.71), "não é o objeto perdido que determina que a experiência do objeto consista em um reencontro, mas a experiência do objeto como reencontrado que nos sugere um objeto perdido". Essa ideia de que há um objeto, e de que ele foi perdido, associa o desejo à busca de um reencontro com o objeto, quando o que de fato se inscreve é a falta que faz referência ao fracasso dessa busca.

A pulsão contorna um objeto que está perdido. No lugar desse objeto perdido a função da causa se inaugura: eis o que Lacan chamou de *objeto a*. O *objeto a* é aquilo que é contornado pela pulsão, buscando atingir a satisfação, numa tentativa de retorno à zona erógena que lhe serviu de fonte.

Lacan revela a relação ideal entre mãe e bebê, que era entendida como perda para Freud, como inexistente. O *objeto a* é o que se coloca como o representante dessa falta. Nesses termos percebe-se que não se pode situar o desejo pela falta de um objeto, já que é o próprio objeto o causador do desejo.

[...] se o que Lacan aborda através do conceito da Coisa implica, por um lado, a delimitação de um vazio, na medida em que não há objeto que coincida com o que a Coisa designa, por outro, há também a face do objeto, agora revelada, em que, do modo como se entende concebido na psicanálise – como sempre outro – ele atualiza, na experiência, aquilo de que fala a Coisa (DARRIBA, 2005, p.72).

O *objeto a* é representado pela presença de um vazio, uma vez que não há um correspondente para ele na realidade. Dizer que ele é representado por um vazio é diferente de dizer que ele é o próprio vazio. O objeto é o que causa o desejo,

portanto está sempre atrás dele (LACAN, [1962/63]/2005, p.115). Nesse sentido, o *objeto a* funciona como um motor da estrutura, como causa da estrutura do desejo.

O *objeto a* tem várias roupagens imaginárias, chamadas por Lacan de *i(a)*, que são as imagens de *a*, que podem ser construídas por via do simbólico por meio dos significantes do Outro. O *objeto a* encontra-se na intersecção entre real, simbólico e imaginário do nó borromeano<sup>1</sup>, participando simultaneamente dos três registros.

Já *das Ding* é o nome do real sem nome e sem imagem. É justamente esse objeto, *das Ding*, que representa o que o sujeito quer reencontrar, o Outro absoluto. Mas como vimos, esse objeto está fundamentalmente perdido, não podendo ser reencontrado. O objeto perdido da história de cada um será encontrado nos objetos substitutos que alguém encontra a partir das escolhas libidinais que fará. Podemos entender que o amor seria esse encontro, configurando-se como uma pausa no desejo.

O caráter faltoso da Coisa aparece cada vez que o sujeito supostamente reencontra o objeto, o que caracteriza todo encontro, e conseqüentemente o amor, como um encontro faltoso. Portanto, o desejo é o anúncio da falta, da incompletude que nos estrutura como humanos. Veremos, mais em frente, que o amor aparecerá como uma tentativa de apaziguamento dessa incompletude, entre o registro imaginário, que é o registro onde se encontra a fantasia, e o registro simbólico, que é o registro onde se encontra a linguagem.

A fantasia aparece como tentativa de resposta ao desejo, por isso a fantasia é, essencialmente, fantasia de completude. De acordo com Jorge (2010, p.84), na neurose, a fantasia de completude é uma fantasia de completude amorosa. O neurótico quer resgatar a completude perdida através do amor, se fixando a ele. Isso nos permite pensar que a neurose leva o sujeito a imaginar que houve completude um dia, e que esta fora perdida, o que subverte o entendimento lacaniano de *das Ding*, em que a falta é estrutural, em que o objeto perdido na verdade não houve.

---

<sup>1</sup> O nó borromeano é uma figura topológica utilizada por Lacan. É composto de três círculos fechados, o real, o simbólico e o imaginário, que só se sustentam desde que encadeados uns aos outros. Os três nós devem articular-se de modo que o rompimento de qualquer um dos anéis torna os outros dois livres.

Se, como vimos, o desejo é o desencontro entre uma necessidade que se satisfaz e uma demanda que se responde, para que se pudesse satisfazer o desejo, seria necessário o apagamento dele. É a partir da fantasia que o desejo pode continuar existindo. Segundo Lacan, "A fantasia é a sustentação do desejo, não é o objeto que é a sustentação do desejo" (LACAN, 1964/1988, p.175). Portanto, é a fantasia que permite que o sujeito se mantenha como desejante. Assim, o objeto do desejo ou é uma fantasia que sustenta o desejo, ou é um engano.

## 1.5 A FANTASIA

*Vai, vai, vai, disse o pássaro: o gênero humano  
Não pode suportar tanta realidade.  
(T.S. Elliot)*

Não é possível falar de amor e desejo sem falar de fantasia. Se a realização do desejo só pode acontecer na condição de uma alucinação ou de um sonho, ou seja, que se esteja submetido ao princípio do prazer, isso nos leva a pensar que a possibilidade do amor está atrelada à fantasia.

Em psicanálise a fantasia não tem o valor que fazemos dessa palavra na língua comum. Nos dicionários a fantasia aparece como sinônimo de imaginação. Para Elia, "se a imaginação é, *grosso modo*, uma atividade psíquica que se produz por imagens, imaginário é o registro da experiência subjetiva em que prevalecem as imagens, nada tendo a ver com a atividade psíquica da imaginação" (1995, p.104).

Para Freud, a fantasia anuncia a presença de um desejo; é a montagem que encena um desejo. Lacan avança nesse conceito enfatizando uma outra função da fantasia para o sujeito, que é a da constituição de seus objetos (ZALCBERG, 2008, p.92).

De modos diferentes, na neurose, tal como na psicose, são inúmeras as tentativas de substituir uma realidade desagradável por outra, que esteja mais de acordo com o que se deseja. O emparelhamento estrutural entre fantasia e delírio é proposto com a intenção de permitir estabelecer uma relação na neurose e na

psicose, em que ambos são esforços simbólicos e imaginários de apaziguamento de invasões bárbaras e inassimiláveis do real (JORGE, 2010, p.9).

É claro que o delírio e a fantasia, embora tenham pontos em comum, não são a mesma coisa, há aí diferenças fundamentais. Freud (1924/1996) nos ensina que na neurose não há perda da realidade em sentido estrito, já na psicose há uma perda radical desse vínculo do sujeito com a realidade. Enquanto a fantasia é uma realidade psíquica que não impede o acesso à realidade, o delírio impede (p.43).

Entretanto, podemos entender que ambos são telas protetoras que permitem o laço social com as pessoas e com o mundo à nossa volta, conduzindo o nosso acesso ao registro imaginário.

Em Freud a fantasia é chamada ora de "devaneios", ora de "sonhos diurnos".

O estudo das psiconeuroses leva à surpreendente descoberta de que os sonhos diurnos são os precursores imediatos dos sintomas histéricos, ou pelo menos de uma série deles. Os sintomas histéricos não estão ligados a lembranças reais, mas a fantasias construídas com base em lembranças. (1900/1996, p.524).

Destacamos essa fala de Freud não pela relação que há entre fantasia e histeria, embora seja um amplo e interessante campo de estudo, mas para apontar o caráter que a fantasia tem de construção própria, no sentido de uma disjunção em relação à realidade. Para Freud, as fantasias são, tais como os sonhos, realizações de desejo, e que, em grande medida, baseiam-se nas impressões das experiências infantis, e que também, assim como o sonho, sofrem de uma censura, o que acaba por recalcar boa parte do conteúdo das fantasias.

Entretanto, como ele sublinha, existe uma diferença essencial entre o sonho noturno e o devaneio diurno: o primeiro é alucinatório, o segundo não o é, conservado o sujeito uma consciência mais ou menos clara de que o seu devaneio é um enclave numa realidade que nem por isso é anulada (MIJOLLA, 2002, p.675).

Estamos o tempo todo construindo e reconstruindo a realidade ao nosso redor, seja dormindo ou acordados, e em diferentes estruturas subjetivas. Para Freud (1924/1996, p.208), "Vemos, assim, que tanto na neurose quanto na psicose interessa a questão não apenas relativa a uma perda da realidade, mas também a um substituto para a realidade."

É a fantasia que nos auxilia a construir a nossa realidade e a ela recorreremos toda vez que é necessário lidar com o real, ou seja, o tempo todo. O real é um conceito cunhado por Lacan, que se faz presente no nó borromeano, que é composto por três registros: real, simbólico e imaginário. Para Lacan, o real é algo da ordem do inapreensível. Ao longo da teoria lacaniana o real ganha diferentes concepções, mas em todas elas se mantém o caráter de "sem-sentido".

Para Jorge (2010, p.11), o real "é puro não-sentido, ao passo que é precisamente o sentido que caracteriza o imaginário, e o duplo sentido que caracteriza o simbólico". A antítese que existe na teoria freudiana entre realidade material e realidade psíquica, em termos lacanianos pode ser nomeada como uma antítese entre real e fantasia. É ela, a fantasia, que nos auxilia a construir a realidade psíquica. A fantasia aparece na tentativa de emoldurar o real, de dar um sentido para ele, que por si só não tem sentido algum.

Assim como o desejo e como o amor, também a fantasia remete a uma falta: "Se o desejo é a falta enquanto tal, a fantasia é o que sustenta esta falta radical ao mesmo tempo em que indica ilusoriamente 'o que falta'. Há falta, diz o desejo. É isso que falta, diz a fantasia." (JORGE, 2010, p.240).

Se por um lado o desejo não tem objeto, por outro lado é a fantasia que dá suporte ao desejo, quando o fixa em uma relação que tem algo de estável com o objeto. A esse lugar que permite ao sujeito se fixar como desejo, Lacan deu o nome de fantasia fundamental ([1960/61]/1992, p.194).

Podemos pensar se a experiência do amor trata de um reencontro com algo que traz notícias do objeto perdido (já que um reencontro com algo que nunca existiu seria da ordem do impossível) ou se trata da lembrança da primeira satisfação, e aí relacionada à fantasia. Pois, assim como não podemos analisar o conteúdo latente do sonho, apenas o seu conteúdo manifesto – ou seja, aquilo que se diz do sonho - podemos considerar que não é possível se recuperar o objeto irremediavelmente perdido, mas apenas evocar a sua lembrança.

No texto "Lembranças encobridoras" Freud diz que o que é registrado como imagem em nossa memória não é a experiência relevante por si mesma, pois nesse aspecto a resistência se faz presente. O que fica registrado é um outro elemento psíquico, que se liga intimamente ao elemento passível de objeção. Nesse aspecto o primeiro princípio, que é o que se esforça para armazenar as impressões importantes,

mostra a sua força fixando imagens mnêmicas reproduzíveis. Mas acontece que, em vez da imagem mnêmica que reproduz o evento original, o que acaba por se fixar, muitas vezes, é uma cena deslocada da primeira, fazendo com que a lembrança substituta perca elementos importantes e tornando essa lembrança trivial (1899/1996, p.286).

Mais à frente, no mesmo texto, Freud, continua:

Nossas lembranças infantis nos mostram nossos primeiros anos não como eles foram, mas tal como apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos de despertar, as lembranças infantis não *emergiram*, como as pessoas costumam dizer; elas foram *formadas* nessa época. E inúmeros motivos, sem qualquer preocupação com a precisão histórica, participaram de sua formação, assim como da seleção das próprias lembranças (p.287).

Aqui Freud diz que as lembranças da infância não são simplesmente evocadas, mas são formadas no momento de sua evocação. Portanto, há algo de novo a cada vez em que se evoca uma lembrança, para além da sua correspondência com a realidade. Sobre isso, Freud compara os sonhos diurnos aos sonhos noturnos, como possibilidade de satisfações imaginárias de desejos, sendo os sonhos diurnos o que chamamos de fantasias.

As produções da fantasia mais conhecidas são os chamados 'sonhos diurnos', dos que já falamos: satisfações imaginadas de desejos eróticos, de ambição e de grandeza, que florescem com tanto mais exuberância quanto mais a realidade chama a moderar-se ou a ser paciente. A expressão da fantasia mostra neles sua essência de maneira inequívoca: de novo o ganho de prazer se mostra independente da aprovação da realidade. Sabemos que esses sonhos diurnos são o núcleo e os modelos dos sonhos noturnos (FREUD, 1914/1996, p.339).

Sabemos que o inconsciente é atemporal, dinâmico e não para de produzir novos conteúdos. Quando um sujeito evoca uma lembrança, recriando-a, essa nova lembrança é valorosa, tanto quanto para que um sonho se produza é preciso que ele esteja associado a um conteúdo inconsciente. Vimos que no texto "A interpretação dos Sonhos" Freud afirma que "o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica" (1900/1996, p.637). Alguns anos mais tarde, Freud diz que as fantasias também possuem determinada realidade, visto que são ideias que o paciente cria por si mesmo, e esse caráter da criação faz com que as fantasias tenham grande importância.

"As fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva." ([1915/16]/1996, p.370).

A fantasia é uma saída que concilia a exigência da pulsão à renúncia da realidade, que coloca obstáculos à satisfação pulsional. Pode-se entender a fantasia como um anteparo para lidarmos com o mal-estar que é inerente à nossa condição de sujeito dividido, como uma tentativa de emoldurar o gozo<sup>2</sup>.

A fantasia é aquilo que nos é outorgado pelo Outro, para que nós façamos face ao real (a chamada realidade objetiva recebe, para Lacan, o nome de real, e é algo para sempre inatingível) munidos de algum elemento de realidade psíquica (JORGE, 2010, p.241).

Com a entrada do sujeito no mundo simbólico e na linguagem, perde-se uma parcela de satisfação. A fantasia seria um modo de recuperar essa satisfação que fora perdida. O desejo, por sua vez, refere-se a uma falta, denunciando assim o irremediável da perda.

Pelo que vimos até agora, o desejo desliza de objeto em objeto, sem jamais encontrar a plenitude de sua satisfação, mas encontra satisfações parciais através da fantasia e do *objeto a*. Estaria incluído nessas satisfações parciais aquilo que chamamos de amor? Para tentar responder a essa questão, nos debruçaremos sobre o tema do amor no próximo capítulo.

---

<sup>2</sup> O gozo é um conceito lacaniano que surge a partir da sua leitura de Freud sobre a libido e a pulsão de morte. Trata-se de um entendimento do prazer associado à dor e se referencia para o registro do Real, apontando para algo da ordem do impossível de ser dito. Falaremos mais sobre o gozo no quarto capítulo.

## 2 O NASCIMENTO DO AMOR

*[...] nossa antiga natureza era assim, e nós éramos um todo; e, portanto, é ao desejo e procura do todo que se dá o nome de amor.*  
(Aristófanes)

Apesar de a palavra amor pertencer à linguagem comum, tanto Freud quanto Lacan recorreram a ela de um modo que, ao longo das suas obras, tomou o valor de um conceito, pois se marca como diferente de paixão ou de enamoramento, por exemplo. O estudo da obra freudiana nos leva a perceber que, inicialmente, o amor é tomado como uma dimensão, ora se aproximando da ideia que comumente se tem de amor, ora estando ligada à sexualidade, sendo por vezes utilizada como sinônimo de libido e até mesmo de desejo. À medida que Freud avança em sua obra, o amor vai ganhando um estatuto de conceito na psicanálise, visto que ele tem diversos entendimentos ao longo da obra freudiana. Com Lacan, o amor também tem um importante lugar a ser estudado na psicanálise.

As primeiras referências ao amor, na obra de Freud, se deram na relação entre hipnotizador e hipnotizado, devido à obediência e confiança que a hipnose exigia, características essas presentes nas relações amorosas. Mesmo a história da psicanálise nos aponta seu início a partir de uma história amorosa entre Anna O. e Breuer, testemunhada por Freud.

Em Estudos sobre a histeria ([1893/95]/1996), Freud destaca que a histérica busca o seu amor em fantasia. O sintoma histérico aparece no lugar de uma proibição amorosa, inscrevendo no corpo a marca de um desejo que fora abafado. Elisabeth Von R. e sua paixão pelo cunhado, Lucy R. e o amor pelo seu patrão. Freud relaciona o adoecimento psíquico histérico à interdição dos amores. No caso de Elisabeth Von R., ele diz:

Mais uma vez, foi um círculo de representações de natureza erótica que entrou em conflito com todas as suas representações morais, pois suas inclinações centralizaram-se no cunhado e, tanto durante a vida da irmã como depois de sua morte, a representação de ser atraída precisamente por esse homem lhe era totalmente inaceitável (FREUD [1893/95]/1996), p.187).

Freud reconhece na neurose histérica a presença de uma ânsia de amor que aparece como uma ânsia sexual. Isso porque Freud coloca a sexualidade como etiologia das neuroses, sobretudo na neurose histérica. Dessa forma, a sexualidade e o amor colocam-se de forma indiferenciada nesse momento da obra freudiana.

O processo de cura é realizado numa reincidência no amor, se no termo 'amor' combinamos todos os diversos componentes do instinto sexual; tal reincidência é indispensável, pois os sintomas que provocaram a procura de um tratamento nada mais são do que precipitados de conflitos anteriores relacionados com a repressão ou com o retorno do reprimido, e só podem ser eliminados por uma nova ascensão das mesmas paixões. Todo tratamento psicanalítico é uma tentativa de libertar o amor reprimido que na conciliação de um sintoma encontrara escoamento insuficiente (FREUD, [1906/07]/1996 p.82).

Tal citação nos remete ao que foi dito no capítulo anterior<sup>3</sup>, quando Freud aponta para o sintoma, assim como o sonho, também como realização de um desejo inconsciente. Nesse momento da teoria freudiana podemos entender que diante de uma insatisfação amorosa a libido é escoada para satisfazer-se de modo sintomático. O amor tem sua importância na construção clínica da neurose, visto que aí há uma aposta no adoecimento como consequência de uma insatisfação amorosa: "Torna-se neurótico assim que esse objeto é afastado dele, sem que um substituto ocupe seu lugar" (FREUD, 1912/1996c, p.249.)

Sobre isso, Freud (1914/1996, p.29) diz que: "Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar."

Por algum tempo Freud associa a frustração amorosa como um dos desencadeadores da neurose (sendo os outros a tentativa de adaptar-se à realidade, uma inibição no desenvolvimento e um aumento na libido associado à puberdade e à menopausa). Porém, faz-se importante marcar que o uso que Freud deu à palavra amor como sinônimo de sexualidade não se mantém durante toda a sua obra.

Na medida em que a satisfação se refere à pulsão sexual, a frustração liga-se à incapacidade de a pulsão atingir a sua finalidade e, assim, apaziguar as tensões

---

<sup>3</sup> Cf. p.17.

internas. Freud atribui à cultura a causa da frustração, pois, para ele, para que a neurose se constituísse, seria preciso haver conflito "entre os desejos libidinais de um homem e essa parte de seu ser, que chamamos seu eu, que é a expressão das pulsões de autoconservação e engloba os ideais que ele tem de seu próprio ser" (KAUFMANN, 1993, p.218).

## 2.1 O AMOR COMO PROTÓTIPO INFANTIL

Segundo Freud, aprendemos a amar o outro porque dependemos dele, para evitar a condição de desamparo na qual nos encontramos. O modo como a sexualidade se estrutura na infância fundamentará todas as relações de um sujeito em sua vida adulta.

As pulsões não se conciliam com a realidade, exigindo que a dessexualizemos. É isso que faz com que o amor seja dividido e, conseqüentemente, leve sofrimento aos amantes. Porém, a satisfação da própria pulsão só existe desde que seja parcial, o que impossibilita a plena realização do desejo. O amor é sempre totalizante, enquanto a pulsão é sempre parcial. Lacan, citando Freud, diz que quem segue o caminho de uma análise não encontra outra coisa senão uma falta ([1960/1961]/1992, p.46).

Conforme Lacan, "Se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em realização a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito." (LACAN, 1964/1988, p.170) Assim podemos entender que a pulsão é parcial porque pretende retornar, e para isso seu objetivo é "errar" o alvo.

Lacan nos adverte que as pulsões parciais não são a mesma coisa que o amor (1964/1988, p.179). Mais do que isso, ele diz que para concebermos o amor precisamos nos referir a uma estrutura diferente da estrutura da pulsão. Sobre a estrutura do amor, diz Lacan, referenciando-se a Freud (1915/1996a), que se divide em três níveis: nível do real (o que interessa e o que é indiferente), nível do econômico (o que proporciona prazer e o que proporciona desprazer) e nível do biológico (a oposição entre atividade e passividade).

A polaridade entre atividade versus passividade é também a polaridade do ser macho ou fêmea: "No psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como macho ou fêmea" (LACAN, 1964/1988, p.194). Desse modo, a sexualidade coloca-se no campo do sujeito por meio da falta. Como a linguagem é preexistente ao sujeito, o objeto nunca está lá, pois está, desde sempre, perdido.

No texto "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905/1996b), Freud introduz a ideia de que há um objeto que se perde na infância, e que, ao longo de toda a vida, o sujeito buscará o reencontro com esse objeto. Diz Freud que "não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro" (p.210).

Na infância, as primeiras experiências de satisfação estão ligadas ao seio da mãe, que é um corpo fora de si. Podemos pensar que esse seria o objeto perdido que nos leva a buscar por um reencontro.

Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma *zona erógena*, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois se torna independente delas (FREUD, 1905/1996b, p.165).

A partir desse momento, essa demanda se repetirá na tentativa de um reencontro com o objeto perdido, o que nos leva novamente a entender que o desejo nasce com a primeira experiência de satisfação, como já vimos no primeiro capítulo. Também no texto "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", Freud observa: "Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão e da satisfação sexual em épocas posteriores da vida" (1905/1996b, p.172). Indica, assim, que nessa amamentação há mais do que a simples satisfação das necessidades vitais da criança. Entendemos que no ser humano, como um ser de pulsão, a alimentação não está ao simples servir da necessidade fisiológica. Quando uma mãe alimenta um bebê, o que está em jogo ali não é apenas o leite, mas é o seio que se oferece. A mãe transmite, assim, algo do seu desejo, e é isso que o bebê recebe junto com o leite.

O estado de necessidade de repetir uma satisfação transparece de duas maneiras: por um sentimento peculiar de tensão, que tem, antes, o caráter do desprazer, e por uma sensação de prurido ou estimulação *centralmente condicionada* e projetada para a zona erógena periférica. Por isso, pode-se também formular o alvo sexual de outra maneira: ele viria substituir a sensação de estimulação projetada na zona erógena pelo estímulo externo que a abolisse ao provocar a sensação de satisfação. Esse estímulo externo consiste, na maioria das vezes, numa manipulação análoga ao sugar [...] é um tanto estranho que, para ser abolido, um estímulo pareça exigir a colocação de um segundo no mesmo lugar (FREUD, 1905/1996, p.174).

A criança aprenderá a amar pessoas que "a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades" (FREUD, 1905/1996, p.210), e essas futuras experiências amorosas serão moldadas da mesma forma como a relação com o lactente aconteceu.

Assim, Freud defende a ideia de que todas as relações amorosas que um sujeito terá ao longo de sua vida serão desenhadas à forma como as relações amorosas se constituíram na infância, o que nos leva a pensar que se vive essa tentativa de reencontrar o objeto perdido. É justamente a perda desse objeto que inscreve a noção de falta no ser humano.

Assim sendo, o desejo é a nostalgia do objeto que se perdeu. Em uma nota de rodapé acrescentada em 1915 ao texto "Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade", Freud diz que na psicanálise o enamoramento é sinal de uma repetição vinculada ao passado infantil, ou seja, a noção de tempo não se inscreve de forma cronológica no inconsciente, visto que o futuro está no retorno a uma satisfação passada (p.145).

O amor, associado à ideia de eliminação do desamparo, é também entendido como uma proteção à criança.

A angústia das crianças não é, originariamente, nada além da expressão da falta que sentem da pessoa amada; por isso elas se angustiam diante de qualquer estranho; temem a escuridão porque, nesta, não veem a pessoa amada, e se deixam acalmar quando podem segurar-lhe a mão na obscuridade (FREUD, 1905/1996, p.211/212).

A criança, tal como o adulto, sente-se angustiada quando nada pode fazer com a libido insatisfeita. E o adulto, tal como a criança, apega-se à sensação de medo quando fica sozinho, sem uma pessoa pela qual sinta amor.

O amor, assim, estaria condicionado a uma dependência. Esta dependência é contada por Freud como uma dependência primária do sujeito em relação a outras

pessoas. Nesse sentido amor e desejo muito se parecem. Para Miller (2010b, p.2), a sensação de desamparo vivida na infância é uma dependência exatamente designada como a angústia da perda de amor. Desse modo, Miller diferencia desamparo de dependência, e ainda acrescenta uma terceira diferença, que é a angústia da perda de amor: "Há uma dependência no nível de um Outro que tem o necessário para satisfazer a necessidade, e há o Outro de cujo amor depende o sujeito. Essa minha observação tornou evidente a estreita conexão entre nossos conceitos de amor e pulsão" (p.3).

O que pode ser entendido em Freud como uma dependência biológica que a criança tem da mãe, com Lacan só podemos pensar porque se faz linguagem, porque é dirigido ao Outro em forma de demanda. Há uma demanda que se endereça ao Outro, porque este Outro tem algo que é necessário à satisfação.

Como já vimos, é a partir do Outro que nos constituímos, as palavras sempre são do Outro.

Quando ensina seu filho a amar, está apenas cumprindo sua tarefa; afinal, ele deve transformar-se num ser humano capaz, dotado de uma vigorosa necessidade sexual, e que possa realizar em sua vida tudo aquilo a que os seres humanos são impelidos pela pulsão. É verdade que o excesso de ternura por parte dos pais torna-se pernicioso, na medida em que acelera a maturidade sexual e também, "mimando" a criança torna-a incapaz de renunciar temporariamente ao amor em épocas posteriores da vida, ou de se contentar com menor dose dele (FREUD, 1905/1996, p.211).

É preciso que as crianças possam relativizar a autoridade de seus pais para que, na vida adulta, encontrem alguma satisfação nas relações amorosas. Caso a criança não possa abandonar seus pais, ela só irá poder amar de forma dessexualizada, por não poder suportar o amor sexual, se ele estiver ligado à figura dos pais: "Sem dúvida, o caminho mais curto para o filho seria escolher como objetos sexuais as mesmas pessoas a quem ama, desde a infância, com uma libido, digamos amortecida." (FREUD, 1905/1996, p.213).

Até mesmo o ciúme das relações adultas estaria ligado à forma como o amor aconteceu na infância, estando relacionado às desavenças dos pais ou a um casamento infeliz, como predisposição para o adoecimento neurótico ou a perturbação da sexualidade.

Desse modo, entendemos que o amor sexual e o que parece ser um amor não sexual pelos pais provém das mesmas fontes, sendo que o amor não-sexual seria correspondente a uma fixação infantil da libido (FREUD,1905/1996, p.215). Para Freud, mesmo quem pôde evitar a fixação incestuosa da libido não está totalmente livre da sua influência. Ele nos dá o exemplo do rapaz que em seu primeiro enamoramento se envolve com uma mulher madura e da jovem que se encanta por um homem mais velho, dotado de autoridade, já que essas figuras permitem que os sujeitos se relacionem com as imagens que têm da mãe e do pai.

O homem, sobretudo, busca a imagem mnêmica da mãe, tal como essa imagem o dominou desde os primórdios da infância; e está em perfeita harmonia com isso que a mãe, ainda viva, oponha-se a essa reedição dela mesma e a trate com hostilidade. Em vista dessa importância do relacionamento infantil com os pais para a posterior escolha do objeto sexual, é fácil compreender que qualquer perturbação desse relacionamento terá as consequências mais graves para a vida sexual na maturidade; também ao ciúme dos amantes nunca falta uma raiz infantil, ou pelo menos um reforço infantil. As desavenças entre os pais ou seu casamento infeliz condicionaram a mais grave predisposição para o desenvolvimento sexual perturbado ou o adoecimento neurótico dos filhos (FREUD,1905/1996, p.215-216).

Tão importante quanto é a relação da criança com os pais também é, portanto, o modo como a criança percebe o relacionamento de seus pais. Nesse texto, Freud diz que, se os pais "mimarem" a criança, ela não poderá contentar-se com uma dose menor de amor no futuro. Essa ideia nos leva a pensar que se as demandas da criança forem maciçamente atendidas, não haverá espaço para a falta, que é justamente a mola propulsora da constituição psíquica. Vemos aí uma disjunção entre amor e desejo, visto que, se num primeiro momento a criança amará e desejará os seus pais, será preciso que num segundo momento dessexualize o seu amor, para que assim possa continuar amando os pais, mas desejando outras pessoas.

No texto "Cinco Lições de Psicanálise", Freud destaca a importância da tarefa que a criança tem de se desprender dos pais como condição para a sua entrada na cultura: "É absolutamente normal e inevitável que a criança faça dos pais o objeto da primeira escolha amorosa" (1910/1996a, p.58). Em seguida, diz: "Se quiserem, podem definir o tratamento psicanalítico como o aperfeiçoamento educativo destinado a vencer resíduos infantis." (p.59). Ora, se o tratamento psicanalítico se propõe à elaboração dos restos da infância, pode-se pensar nesse tratamento

como algo que concerne a estas conjunções e disjunções entre amor e desejo vividas já na infância?

É importante destacar aqui que, em psicanálise, o sujeito é sempre incompleto, já que é de restos que nos constituímos, o que aponta para o impossível de um restabelecimento do passado, mas para a possibilidade de modificação na atualização dos encontros. O que do amor e do desejo se pretende restabelecer em cada novo encontro? Tal pensamento nos encaminha ao conceito de narcisismo, visto que, para Freud, na escolha amorosa narcísica, o sujeito pretende restabelecer, por intermédio do amado, uma parcela de seu próprio narcisismo primário, perdido.

## 2.2 O PRIMEIRO AMOR – O EU

É por meio do amor que o sujeito busca recuperar o seu estado mítico de absoluta felicidade que supostamente viveu no tempo em que lhe era atribuída a função de suprir aquilo que faltava no Outro, mas que, como temos visto, se trata de uma felicidade mítica.

Freud (1914/1996) diz que é preciso renunciar a uma parte do narcisismo para que o indivíduo possa se lançar à procura do amor. Podemos entender a procura do amor como o próprio deslocamento do desejo, o que faz do narcisismo um tema fundamental para a nossa pesquisa.

Freud (1921/1996, p.113) afirma: "O amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor por objetos." Diante dessa afirmação, nos questionamos: haveria amor para além do narcisismo? É proposto no texto "Sobre o narcisismo: uma introdução" que não temos outra escolha: ama-se ou adocece-se (1914/1996, p.92).

Freud fala do amor a partir do conceito de narcisismo, inspirado no mito de Narciso. Narrado por Ovídio, o mito fala de um jovem muito belo, que desprezava o amor. Tirésio, o sábio, fez uma profecia – ele viveria uma longa vida, porém desde que nunca contemplasse a sua própria imagem. Narciso recusa o amor da ninfa Eco, que, desiludida, morreu. A deusa da vingança, Nêmesis, responsabiliza-o pela morte de Eco, e o pune fazendo-o contemplar a própria imagem no lago, onde foi saciar

sua sede. Ao ver sua imagem refletida nas águas, Narciso se enamorou da própria beleza e também morreu.

Segundo Freud, em nota de rodapé (1914/1996, p.81), a palavra narcisismo foi introduzida por Näcké para se referir ao ato de uma pessoa tratar o seu próprio corpo do mesmo modo que o corpo de um objeto sexual é comumente tratado, com carícias e afagos para obter satisfação por meio dessas atividades. Desenvolvido a esse nível, o narcisismo pode ser considerado como uma perversão que absorveu toda a vida sexual do indivíduo. Todavia, para Freud, o narcisismo é uma condição fundamental para a constituição psíquica do sujeito.

Freud se refere à teoria da libido para dizer do funcionamento da economia psíquica. Nesse texto parece utilizar os conceitos de libido e amor indiscriminadamente, e, assim, nos fala do amor em duas possibilidades de escolha: narcísica e objetal (ou anaclítica). No amor narcísico a libido se direciona para o próprio eu, enquanto na escolha objetal há um investimento de libido no objeto que representa o ideal narcísico. Portanto, em ambas as escolhas, o que se visa, por via do amor, é o restabelecimento do narcisismo infantil.

Dito de outro modo, a busca pelo objeto amoroso consiste em uma tentativa de o sujeito resgatar seu narcisismo infantil, na intenção de restabelecer-se da sua condição de falante e por isso faltante, buscando atualizar suas relações primárias.

De acordo com Freud (1914/1996, p.101), "o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal". Assim, uma das versões do amor em Freud é a de que o amor dos pais pelo filho é o narcisismo deles mesmos, que renasce, se transformando, assim, em amor objetal.

Freud fala sobre três momentos psíquicos: o autoerotismo, o narcisismo primário e o narcisismo secundário. O autoerotismo é o momento que antecede o narcisismo primário, quando não há investimento no mundo externo, isso porque as pulsões se satisfazem em si mesmo: "Os instintos auto-eróticos. contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica para provocar o narcisismo" (1914/1996, p.84). O narcisismo primário é posterior ao autoerotismo porque implica o eu, enquanto o autoerotismo está relacionado às pulsões parciais, a um corpo não subsumido à unidade corporal egóica. Dito de outro modo, o autoerotismo é anterior ao eu.

Nesse momento, aquilo que é sentido como prazeroso fica reservado ao eu, já as sensações de desprazer se relacionam com o mundo externo. Segundo Freud, "O alvo sexual da pulsão infantil consiste em provocar a satisfação mediante a estimulação apropriada da zona erógena que de algum modo foi escolhida." (1905/1996b, p.173). Satisfazer a pulsão é ir em busca do autoerotismo, assim como o amor é um derivado da capacidade autoerótica do eu (FREUD, 1914/1996, p.43). O bebê se alimenta pela boca, e substituirá o seio materno pela própria boca, no que configura uma pulsão parcial.

A partir daí, a criança se dá conta de que uma perda foi instaurada. Enquanto a sua necessidade poderá ser atendida, a sua demanda jamais o será plenamente. É preciso que haja um intervalo entre a demanda e a satisfação, para que a falta viva e propicie o desenvolvimento psíquico do sujeito.

Freud também destaca diferenças em relação à partilha sexual. Relaciona o amor narcísico ao feminino e o amor anaclítico ao masculino, atribuindo uma quantidade de narcisismo maior ao tipo feminino, para o qual se faz mais importante ser amado do que amar. Diz ainda que o tipo feminino encontra a forma mais "pura" de amor – o amor objetal – quando tem um filho: "na criança que geram, uma parte de seu próprio corpo as confronta como um objeto estranho, ao qual, partindo de seu próprio narcisismo, podem então dar um amor objetal completo" (1914/1996, p.96).

Contudo, Freud ressalta que há mulheres que amam o tipo masculino, bem como há homens que amam o tipo feminino. Destaca também que a preferência por uma determinada escolha objetal não exclui a possibilidade de a outra ocorrer. Assim, não existe uma escolha específica para cada sujeito. Analisando esse jogo de escolhas mais de perto podemos pensar, inclusive, que os dois tipos de escolha podem acontecer simultaneamente. Por exemplo, quando uma mulher ama a criança que gerou, ao modo objetal, de algum modo esse amor também é narcísico, visto que esta criança fez parte do seu próprio corpo algum dia e pode ser considerada ainda como uma extensão de seu corpo.

Freud utiliza a expressão "sua majestade, o bebê" (1914/1996, p.98), para dizer o quanto uma criança representa para os seus pais uma idealização de si próprios. A criança é supervalorizada pelos pais, e deverá atingir todos os ideais que os pais não alcançaram: "A criança deve realizar os sonhos, os desejos não realizados de

seus pais; ou o menino será um grande homem e um herói no lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como uma recompensa tardia para a mãe" (p.88).

Depois, a criança irá se deslocar desse lugar de ideal dos pais, e, no lugar disso, porá o seu próprio ideal do eu, numa tentativa de conseguir restaurar aquela sensação de completude que lhe fora dada em um primeiro momento. A mãe libidiniza o seu filho, revivendo o seu eu ideal naquela criança, o que levará a criança a constituir também o seu eu ideal nessa relação especular com a mãe. É um ideal impossível de ser atingido, por isso a libido se deslocará para o ideal do eu, este construído a partir de influências externas e, assim, mais próximo de sua realização. Desse modo, o sujeito encontra um ponto onde é possível ser amado, desde o preenchimento de algumas condições.

Ainda nesse texto, Freud associa a ideia de amar/ser amado à baixa e à alta autoestima:

O amar em si, na medida em que envolva anelo e privação, reduz a auto-estima, ao passo que ser amado, ser correspondido no amor, e possuir o objeto amado, eleva-a mais uma vez. Quando a libido é reprimida, sente-se a catexia erótica como grave esgotamento do ego; a satisfação do amor é impossível e o reenriquecimento do ego só pode ser efetuado por uma retirada de libido de seus objetos. A volta da libido objetal ao ego e sua transformação no narcisismo, representa, por assim dizer, um novo amor feliz; e, por outro lado, também é verdade que um verdadeiro amor feliz corresponde à condição primeira na qual a libido objetal e a libido do ego não são distinguidas (FREUD, 1914/1996, p.106).

Freud, então, separa a autoestima em três partes, sendo elas: o resíduo do narcisismo infantil, a realização do ideal do eu e a satisfação da libido objetal. Nessa terceira forma de autoestima entende-se que o sujeito ama no outro aquilo que lhe falta.

Por vezes, as pessoas têm dificuldades de amar em função do recalque, e o tratamento analítico as libera disso; o que muitas vezes, por outro lado, leva um sujeito ao abandono de sua análise, preferindo a cura pelo amor, ao invés da cura pela análise: "Poderíamos ficar satisfeitos com esse resultado, se ele não trouxesse consigo todos os perigos de uma dependência mutiladora em relação àquele que o ajuda." (1914/1996, p.107). Na cura pelo amor o sujeito fica na dependência de um objeto externo, enquanto na cura pela análise é algo no próprio sujeito que se

modifica. Assim, quanto mais um sujeito investe libidinalmente em seu amado, mais se torna dependente dele.

### 2.3 A RESTITUIÇÃO NARCÍSICA PELO AMOR

*Frequentemente sentimos que nos falta muita coisa e parece que quase sempre um outro possui exatamente aquilo que nos falta, atribuímos-lhe tudo o que temos, até mesmo uma certa satisfação ideal. E assim criamos uma felicidade perfeita, uma invenção nossa.*  
Goethe (Wether)

Lacan (1964/1988) disse que em Freud já havia uma correspondência entre amar e ser amado. Freud (1914/1996) relacionava a quantidade de amor que se recebe do amado ao aumento e à diminuição da autoestima: "Um indivíduo que ama priva-se, por assim dizer, de uma parte de seu narcisismo, que só pode ser substituída pelo amor de outra pessoa por ele. Sob todos esses aspectos, a autoestima parece ficar relacionada com o elemento narcista do amor". (p.105).

Quanto mais investimento libidinal há do amante ao amado, mais dependente o amado se torna dele, o que acaba por diminuir a autoestima do amante. Isso porque aquele que está amando, e assim investindo libido em seu objeto, já sacrificou uma quantidade de seu narcisismo, e o único modo que encontra para restituí-lo é sendo amado. Isso nos leva a entender que, para Freud, a autoestima relaciona-se ao componente narcísico do amor.

Assim torna-se insuficiente amar, é preciso também ser amado pelo objeto de amor para elevar a autoestima. Entendemos, então, que o amor correspondido eleva a autoestima, e que a autoestima relaciona-se ao amor narcísico.

Lacan diz que queremos ser amados por tudo: não apenas pelo nosso eu, mas também pela cor de nossos cabelos, pelas nossas fraquezas, por tudo, e que por isso aquele que deseja ser amado se satisfaz muito pouco ([1953/54]/2009, p.359).

Para Lacan ([1972/73]/2008, p.12), "O amor demanda o amor. Ele não deixa de demandá-lo. Ele o demanda ...*mais...ainda.*" Para o amante, o amor do outro nunca é o suficiente. Nesse sentido, aquele que ama nunca se acha plenamente

correspondido no amor, pois demanda ser amado cada vez mais. Porém, no amor fraternal isso não costuma acontecer. Na parte 4 do texto "Psicologia de grupo e análise do ego" Freud (1921, p.101/102) diz:

Somos de opinião, pois, que a linguagem efetuou uma unificação inteiramente justificável ao criar a palavra 'amor' com seus numerosos usos, e que não podemos fazer nada melhor senão tomá-la também como base de nossas discussões e exposições científicas.

O amor que nos interessa nesta pesquisa é o amor que se liga diretamente à sexualidade. É importante dizer que se liga diretamente porque nesse mesmo texto Freud diz que todo amor está ligado à sexualidade. Porém, no amor parental, no amor fraternal, a sexualidade está recalcada, enquanto no amor ao qual nos referimos aqui, ela não está.

Nesse mesmo texto, Freud coloca Eros como pulsão sexual e inclui sobre seus domínios a amizade, o amor fraternal, o amor parental e também a sexualidade e o amor romântico. Nesse momento, refere-se a um amor que engloba desde a paixão amorosa até a tendência pulsional de construir, de unir. Contudo, sabemos que o amor aplaca a falta constitucional do sujeito, mas não a elimina, pois o sofrimento de viver em civilização é uma constante, e como sujeitos de linguagem, seria impossível deixarmos de sê-los. De acordo com Freud ([1929/30]/1996), o próprio corpo, o mundo externo e as relações humanas são os motivos pelos quais uma parcela de infelicidade sempre nos acompanha. Para Lacan, a entrada na linguagem é o que nos marca como sujeitos faltantes.

Em "O mal-estar na civilização" ([1929/30]/1996), Freud coloca o amor como plenamente sensual. Ele irá se desdobrar em diversas formas de manifestação: amor fraternal, filial, ao próximo etc. e inibir a sua finalidade genital. Nesse escrito Freud diz que o ser humano não renuncia a uma satisfação já experimentada, o que nos leva a pensar que o ser humano não renuncia ao desejo de ser amado incondicionalmente, nem ao de ser o ideal de alguém. O amor é uma forma de restabelecer o narcisismo, de modo que se põe o eu ideal no outro, e então ama-se o outro a partir dessa condição.

Percebemos pela teoria freudiana que o objeto amoroso é eleito por razões que não são conscientes, pois são motivos que estão relacionados a esses restos que são constituintes para o sujeito. Como exemplo, Freud (1910/1996c) discorre sobre

as condições necessárias ao amor masculino, cujo conjunto é ininteligível e até desconcertante. Elenca, assim, quatro precondições para o amor, sendo elas: 1) o fato de existir uma terceira pessoa prejudicada; 2) que a mulher tenha sexualmente uma má-reputação; 3) o amor normal; e 4) a ânsia de salvar a mulher amada.

Entendemos, assim, que são condições para o amor neurótico a depreciação do objeto de amor ou a escolha de um objeto proibido. Em seguida, Freud destaca duas maneiras de comportamento no amor, uma que aponta para a necessidade de fidelidade e outra que destaca a importância de salvar o objeto de amor da perda do controle da moral. Nesse percurso, Freud articula as duas condições para eleição do objeto ao romance familiar. Desse modo, o objeto de amor da puberdade deve ser proibido e ter como consequência uma pessoa prejudicada, que representaria o próprio pai. E, ainda por esta via, a depreciação do objeto ficaria articulada pela promiscuidade da mãe, que teria concedido o privilégio da relação sexual ao pai da criança, e não à criança (1910/1996c, p.154).

No texto "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor" (1912/1996d), Freud fala sobre uma separação entre a corrente afetiva e a corrente sensual no campo do amor masculino. Diz de uma separação entre o objeto de amor e o objeto de desejo como defesa aos impulsos incestuosos que o menino tivera na infância direcionado à mãe. Assim, esse Outro para o qual o sujeito direciona o seu amor lhe é inacessível.

Freud diz que o ser humano ama por impulso, e não por razões que se relacionem com o conhecimento, destacando que, por vezes, as reflexões e observações podem fazer-nos amortecer o amor. Nesse texto (Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância), Freud refere-se à forma como Leonardo da Vinci fala da sua experiência do amor diretamente ligado ao conhecimento, e, por meio de uma crítica a ele, Freud escreve:

O adiamento do amor até o seu pleno conhecimento constitui um processo artificial que se transforma em uma substituição. De um homem que consegue chegar até o conhecimento não se poderá dizer que ama ou odeia; situa-se além do amor e do ódio. Terá pesquisado em vez de amar. E será, talvez, este o motivo pelo qual a vida de Leonardo foi tão mais pobre de amor do que a de outros grandes homens, e de outros artistas. As tormentosas paixões de uma natureza, que inspiram e que esgotam, paixões que foram, para outros, fonte das experiências mais plenas, parecem não o haver atingido (FREUD, 1910/1996b, p.84).

Essa citação nos leva a uma situação complicadora, pois permite pensar que o amor não está no campo da pesquisa que nos leva ao saber teórico. Não se pode saber do amor, a não ser enroscado em suas próprias cordas. Assim, como seria possível uma dissertação com este tema? Em psicanálise, o saber se apresenta como um enigma, que se faz presente pelo inconsciente. Lacan atribui ao inconsciente a mesma estrutura da linguagem, o que nos encaminha ao impossível de dizer tudo, ao impossível de saber tudo. É justamente a inexistência de uma completude o que caracteriza o pensamento psicanalítico; no entanto, é a crença na consistência do saber que leva o sujeito a procurar um analista. O desejo do analista é o desejo de saber, mas não se trata de qualquer desejo e sim de um desejo advertido: o de que não encontrará certezas. Portanto, é a partir desse lugar que pretendemos continuar a pesquisa deste tema, sabendo que não podemos encontrar certezas, mas que estar diante desse impossível nos põe ao trabalho, não nos paralisa.

Essa discussão das possíveis conjugações que podem haver entre o amor e o saber nos encaminham ao nosso próximo tema, que é a transferência amorosa. Em psicanálise, a transferência é o que possibilita que um tratamento analítico aconteça, e trata-se justamente do caminho que se faz do amor ao desejo, mediado pelo desejo de saber.

## 2.4 AMOR TRANSFERENCIAL

Como já dito, a própria história da psicanálise inicia a partir de uma história de amor envolvendo Anna O. e Breuer, testemunhada por Freud. Breuer tratava Anna O. e sua histeria por meio da hipnose, tratamento esse que tinha como objetivo liberar o afeto que se vinculava a uma situação traumática. Mediante relatos de sonhos e desejos, Anna O. demonstra seu amor pelo médico, o que o leva a abandonar o caso da paciente, indo fazer uma viagem com sua esposa, que se mostrava enciumada. Pela observação dessa relação entre Breuer e Anna O., Freud descobre o fenômeno da transferência.

Freud diz que a transferência se faz presente em toda relação entre médico e paciente, ainda que o médico não possa percebê-la.

Sempre que numa relação terapêutica se institui a dialética em que um fala e um outro ouve e interpreta, o amor se faz presente. O que comporta a ideia de que cada um ama em função do que supõe que o outro sabe do que ele ignora sobre si mesmo na medida em que sempre se é um mistério para si mesmo; donde reside a questão aberta do amor dos analisandos pelo seu analista a quem supõe um saber. No fundamento da transferência em psicanálise há a conjugação do amor com a palavra e o saber este, não mais que suposto (ZALCBERG, 2008, p.6).

O fenômeno transferencial é descrito por Freud como a atualização das fantasias infantis, que se direcionam ao analista. A transferência é uma evidência de que o amor parece não ser mais do que um deslocamento – erro de pessoa.

Freud, no texto "Observações sobre o Amor transferencial" (1915/1996b), coloca o enamoramento do paciente pelo analista como um poderoso móvel de seu progresso. Diz que nos mais diferentes "perfis" de paciente – analista, o relacionamento emocional se presentifica:

[...] estamos lidando com um fenômeno intimamente ligado à natureza da própria doença [...] no fundo, é sempre a mesma, e jamais permite que haja equívoco quanto à sua origem na mesma fonte [...] Superamos a transferência mostrando ao paciente que seus sentimentos não se originam da situação atual e não se aplicam à pessoa do médico, mas sim que eles estão repetindo algo que lhe aconteceu anteriormente. Desse modo, obrigamo-lo a transformar a repetição em lembrança. Por esse meio, a transferência que, amorosa ou hostil, parecia de qualquer modo constituir a maior ameaça ao tratamento, torna-se seu melhor instrumento, com cujo auxílio os mais secretos compartimentos da vida mental podem ser abertos (1915/1996b, p.445).

Freud diz do amor como um reencontro (1905) e o reafirma na transferência amorosa, o que nos leva a pensar que o encontro do objeto seria uma substituição para a satisfação perdida na infância.

"Falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico." (LACAN, [1972/73]/2008, p.89). Para o autor, a transferência é um fenômeno amoroso, entretanto com algumas especificidades: "A tendência geral é sustentar que ali se trata de uma espécie de falso amor, de sombra de amor." (1964/1988, p.119). Para ele, nem a transferência positiva se identifica ao amor, nem a transferência negativa se identifica ao ódio.

Mesmo para considerarmos a transferência como um produto da situação analítica, podemos dizer que esta situação não poderia criar o fenômeno todo, e que, para produzi-lo, é preciso que haja, fora dela, possibilidades já presentes às quais ela dará composição (1964/1988, p.120). Assim, para entendermos que a sexualidade se presentifica na relação transferencial, é preciso que a tomemos como uma descoberta que se faz na forma de amor (p.165). Nas palavras de Lacan, "A transferência é a atualização da realidade inconsciente." (p.139).

O amor transferencial é entendido por ele como resistência.

Isso quer dizer que a transferência não é, por sua natureza, a sombra de algo que se tenha vivido antigamente. Muito ao contrário, o sujeito enquanto assujeitado ao desejo do analista, deseja ser enganado dessa sujeição, fazendo-se amar por ele, propondo por si mesmo essa falsidade essencial que é o amor. O efeito de transferência é esse efeito de tapeação no que ele se repete presentemente aqui e agora (1964/1988, p.240).

Portanto, o amor transferencial tem como objetivo o efeito de tapeação. Aí o sujeito se faz acreditar ser amável para ocultar algo de si mesmo para o outro: "Amar é, essencialmente, querer ser amado." (1964/1988, p.239). Nesse ponto da teoria lacaniana o amor só é referenciável a partir do campo do narcisismo.

Para Lacan, a transferência é um fato de amor. Um amor que se dirige ao saber, que, endereçado ao analista, funda o que Lacan nomeou de sujeito suposto saber. No início de uma análise o analista é colocado pelo paciente como o detentor de um saber sobre ele, e que por isso é amado. Lacan nos adverte que o analista não deve ocupar esse lugar, de sujeito suposto saber, não conduzindo assim o tratamento nem a partir do lugar de amado e nem a partir do lugar de amante.

A transferência é a modalidade do encontro amoroso na psicanálise. A questão do amor é assim ligada à do saber, Lacan nos diz que todo amor se baseia na relação entre dois saberes inconscientes ([1960/61]/1992). Não ocupando o lugar de sujeito suposto saber é que o analista permite que o paciente possa sair do lugar de amado e, passando para o lugar de amante, caminhar do amor ao desejo. Que ele seja neutro não quer dizer que ele seja indiferente. O analista renuncia ao lugar de Outro, ocupando, então, o lugar de objeto causa de desejo. Para Lacan, o desejo surge como efeito de análise, surge no deslizamento significante, visto que não há um objeto que complete o sujeito.

Nas palavras de Lacan ([1960/61]/1992, p.41), "Amar é dar o que não se tem". É preciso, então, que o sujeito reconheça-se como faltante e dividido para poder amar, pois só ama quem reconhece uma falta em si mesmo. Assim, o amor é a significação do nada. Lacan dirá: "a significação do amor produz-se pela substituição da função do objeto amado pela função do amante" (p.56). A experiência analítica nos mostra a incongruência que há entre desejo e objeto. Para Lacan, o amor apresenta-se aí como uma significação possível para esse lugar do vazio.

### 3 O AMOR COMO TENTATIVA DE RESPOSTA AO DESEJO

*Não se brinca com as metáforas.  
O amor pode nascer de uma simples metáfora.  
(Milan Kundera)*

Na busca por aproximações e afastamentos entre amor e desejo encontramos em Freud o amor articulado à fantasia, ao reencontro com o objeto perdido, à idealização. Para Freud, o amor visa à suspensão da falta, e conseqüentemente o apagamento do desejo.

Para Lacan, encontramos a ideia de amor como uma metáfora, ou seja, como algo que se substitui: "O amor como significante – pois, para nós, ele é um, e não mais que isso – o amor é uma metáfora – na medida em que aprendemos a articular a metáfora como substituição." ([1960/61]/1992, p.47). Percebemos que o amor seria uma tentativa de resposta ao desejo, tal como a demanda, que surge a partir da tentativa de expressão de um desejo.

#### 3.1 O AMOR COMO MILAGRE

Assim como na vida amorosa dita normal, como no amor de transferência, é a metaforização do desejo que desemboca no amor.

O que inicia o movimento de que se trata no acesso ao outro que nos é dado pelo amor é este desejo pelo objeto amado que eu compararia, se quisesse imajá-lo, à mão que se adianta pra pegar o fruto quanto maduro, para atrair a rosa que se abriu, para atizar a chama na lenha que de súbito se inflamou ([1960/61]/1992, p.58).

Dessa forma Lacan se refere ao amor no sentido mítico, associando o amor como uma revelação no real, e que, por isso, só pode ser falado a partir de um mito: "Todo mito se relaciona com o inexplicável do real, e é sempre inexplicável o que quer que se responda ao desejo". (LACAN, [1960/61]/1992, p.59) É a essa mão que

alcança a rosa de forma mítica, que Lacan chama de "o milagre do amor". Milagre esse que se trata da passagem do amado em amante.

É citando o discurso de Sócrates que Lacan articula o amor ao desejo, com a questão: "Amor? Amor de quê?" (LACAN, [1960/61]/1992, p.69). Mais à frente, Lacan refere-se à fala socrática "Este amor de que falas, é ou não é amor de alguma coisa? Amar e desejar alguma coisa é tê-la ou não tê-la? Pode-se desejar o que já se tem?" (p.78).

De acordo com a ideia lacaniana, o que está em questão no desejo é um objeto, o que nos leva a pensar que o que está em questão no amor é a dimensão de objeto ([1956/57]/1995, p.167). Pois o desejo, em sua raiz e sua essência, é o desejo do Outro. É aqui, falando propriamente, que está o nascimento do amor.

No dom de amor, alguma coisa é dada por nada, e que só pode ser nada. Em outras palavras, o que faz o dom é que um sujeito dá alguma coisa de uma maneira gratuita; na medida em que, por detrás do que ele dá, existe tudo o que lhe falta, é que o sujeito sacrifica para além daquilo que tem ([1956/57]/1995, p.143).

No Seminário 4, Lacan fala sobre o dom ativo do amor: "O dom é símbolo do amor." ([1956/57]/1995, p.184). Aí aponta para a possibilidade de o amor sair do seu narcisismo, que pretende "ser amado", e ir em direção à possibilidade de o sujeito amar de acordo com o seu desejo ([1959/60]/2008, p.32). O que faz o dom é que um sujeito dê alguma coisa gratuitamente. Ama-se o outro por aquilo que ele não dá. O que é amado no objeto é aquilo que falta a ele – só se dá o que não se tem ([1956/57]/1995, p.153).

Para Lacan, como dissemos, amar é dar o que não se tem ([1956/57]/1995), ou seja, é oferecer a falta ao outro em troca da falta que o outro oferece. É comum os amantes exaltarem a falta que sentem do outro. Sentiriam a falta que o outro lhe oferece? No dom ativo do amor, a própria atividade do amor se impõe de forma soberana, em detrimento da demanda de ser amado.

Lacan ([1962/63]/2005, p.198) afirma que "o amor é a sublimação do desejo", pois coloca o amor como uma produção cultural, afirmando que se não fosse pela cultura, sequer ouviríamos falar de amor.

Percebemos então que o amor seria uma tentativa de resposta ao desejo, tal como a demanda, que surge a partir da tentativa de expressão de um desejo. Para

que algo desperte o desejo, é preciso que este algo esteja em uma condição absoluta, não pode ser outra coisa senão aquilo que é. Sabemos que o desejo é despertado pela interdição. O objeto afetado pela proibição funciona como causa de desejo. O desejo é o desejo do proibido, do que está inacessível, do impossível.

O amor se funda num encontro, num encontro que funcionou, e que por isso sustenta a ideia de que é possível alcançar a mítica satisfação primeira. Por sua natureza, o amor tende a se colocar para além da repetição: ele seria aquilo que não rateia (ANDRÉ, 1986/2011, p.303).

Isso nos leva a pensar que, se repetimos aquilo que fracassa, é na tentativa de alcançar essa satisfação mítica. E se o que se repete é aquilo que fracassa, a repetição aponta para o fracasso. No amor, algo se encontra, ainda que seja um encontro faltoso, já que o desejo atesta a impossibilidade de fazer existir a relação sexual. Nesse sentido, o amor pode ser entendido como contrário à repetição, o que é bem diferente de considerar o amor como a simples repetição de uma relação edípica. O que está em jogo aí é menos a triangular relação edípica e mais a relação do sujeito com o objeto. Isso nos leva a pensar que o modo de um sujeito amar está diretamente ligado ao modo como suas relações objetais acontecem, visto que desde sempre não houve objeto satisfatório. É por isso que é o desejo que denuncia a impossibilidade da realização amorosa. Há um modo de ocultar aquilo que é impossível no amor, que é o amor cortês. Lacan, ao falar desse tema, exalta a genialidade dessa versão amorosa, que encontra uma possibilidade em se esquivar do impossível por via da interdição, por se tratar de um amor que está inscrito na privação e na frustração. Será necessário, então, fazermos algumas considerações sobre a teoria lacaniana da falta de objeto, para podermos em seguida, passar ao tema do amor cortês.

### 3.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DA FALTA DE OBJETO

Já vimos até aqui que o desejo não se satisfaz porque não tem objeto. Portanto, podemos entender que nos constituímos como sujeitos a partir da relação que temos com a falta desse objeto. Para Lacan, a teoria da falta de objeto já

aparece na teoria freudiana, mais precisamente com a ideia de reencontro da qual Freud (1905/1996b) fala.

É através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se o procura. Existe aí uma distância fundamental, introduzida pelo elemento essencialmente conflitual incluído em toda busca do objeto. Esta é a primeira forma sob a qual, em Freud, aparece a relação de objeto (LACAN, [1956/57]/1995, p.13).

Lacan dedica todo o Seminário 4 ([1956/57]/1995) para estudar o tema, e diferencia três operações distintas para nortear a relação do sujeito com o objeto a partir de sua entrada na linguagem: a privação, a frustração e a castração. São diferentes modos do sujeito se constituir a partir da relação com a falta do objeto, que se faz condição necessária para o desenvolvimento psíquico. Nas palavras de Lacan: "no mundo humano, a estrutura como ponto de partida da organização objetal é a falta de objeto" (p.55).

A privação é necessária ao homem, é de extrema importância para a sua relação com o mundo. "A privação está no real, completamente fora do sujeito. Para que o sujeito apreenda a privação, é preciso inicialmente que ele simbolize o real" (LACAN, [1956/57]/1995, p.55). Para falar disso, Lacan utiliza a metáfora de um livro que não está em seu lugar numa estante da biblioteca, levando o bibliotecário a dizer, para alguém que lhe pede o livro, que ele não está disponível para ser retirado. Talvez o livro esteja em qualquer outro lugar da biblioteca, que não naquele lugar, pode estar justamente ao lado, mas simbolicamente, ao bibliotecário "ele é, por princípio, invisível" (p.38). É desse modo que Lacan entende que a mãe introduzirá a criança simbolicamente no registro da privação. A mãe não deixará de existir, mas não se fará para a criança presente a todo o momento. Será por isso que a criança poderá reivindicar a presença da mãe.

Na frustração, a criança, reconhecendo a mãe como faltante, oferece-se como falo dela, na tentativa de restituir algo à mãe. É importante destacar que aqui não se está puramente no registro da necessidade, mas no registro do desejo. Para Lacan ([1956/57]/1995, p.188):

Mesmo que não seja o seio da mãe, nem por isso ele perderá algo do valor de seu lugar na dialética sexual, de onde se origina a erotização da zona oral. Não é o objeto que desempenha, em seu interior, o papel essencial, mas o fato de que a atividade assumiu uma função erotizada no plano do desejo, o qual se ordena na ordem simbólica.

Isso significa que não importa somente o que a mãe oferece, mas como esta o faz. Ela pode oferecer o alimento a partir do seio ou a partir da mamadeira, pois "objeto em si mesmo não é indiferente, mas não tem necessidade alguma de ser específico" (LACAN, [1956/57]/1995, p.188). Isso porque o que se faz presente aqui é o valor de dom, ao qual já nos referimos anteriormente. Há aí uma satisfação substitutiva da saturação simbólica. De um ou de outro modo, há nessa dialética a erotiza o da zona oral. Nesse momento a necessidade do bebê não   mais plenamente atendida, já havendo aí uma disjun o, um furo entre o que se deseja e o que se recebe. Por isso a palavra se faz uma importante mediadora nesse momento. Lacan afirma que: "Desde a origem, a criança se alimenta tanto de palavras quanto de pão, e perece por palavras." (p.192).

A frustra o   uma falta real no que diz respeito   sua natureza, mas que causa um dano que   imaginário. Lacan diz que ela diz respeito a algo que   desejado e não   obtido, mas que quando   desejado, o   sem nenhuma possibilidade de satisfa o e nem de aquisi o.   também no regime da frustra o que pode vir acontecer, segundo a teoria lacaniana, da criança vir a "comer nada", no caso da anorexia mental.

"  no nível do objeto anulado como simbólico – pela mãe – que a criança põe em xeque a sua dependência, e precisamente alimentando-se de nada." (LACAN, [1956/57]/1995, p.190). Nesse quadro a criança inverte a sua posi o de dependência da mãe, colocando a mãe como dependente da criança, comendo nada para manter o espaço do vazio. Quando a demanda de alimentar se encontra com a demanda de ser alimentado, o desejo se sacia, mas quando a demanda de alimentar não coincide com a demanda de ser alimentado, há um desejo impossível de ser satisfeito.

Sobre isso, Lacan diz, mais   frente: "A ambivalência primeira, própria a toda demanda,   que, em toda demanda,   igualmente implicado que o sujeito não quer que ela seja satisfeita." ([1960/61]/1992, p.202). Por isso,   no registro da frustra o que estão as declara es amorosas desenfreadas e sem lei, entretanto garantidas

pela impossibilidade de se realizarem, ao qual veremos em seguida que se fazem presentes nas declarações do amor cortês.

Na castração o pai é introduzido para mediar esse encontro entre mãe, criança e falo. O que há aí é um quarto elemento que regula a castração na mãe e desse modo libera a criança da voracidade do desejo materno. Podemos entender a castração como um operador da interdição do incesto ou como a legalização da incompletude. É a saída neurótica, que se dá por via da transmissão da falta, onde o pai se faz presente, introduzindo uma falta simbólica no registro imaginário do falo.

Em resumo, o que Lacan aponta é que: "Na castração, há uma falta fundamental que se situa, como dívida, na cadeia simbólica. Na frustração, a falta só se compreende no plano imaginário, como dano imaginário. Na privação, a falta está pura e simplesmente no real, limite ou hiância real." ([1956/57]/1995, p.54). Portanto, na privação trata-se de um objeto simbólico, na frustração é um objeto real e na castração o objeto é imaginário.

Feitos esses apontamentos sobre a relação de objeto, passaremos, então, ao tema do amor cortês, que faz a relação do amor e do desejo nos regimes da privação e da frustração.

### 3.3 O AMOR CORTÊS

Nascido no início do século XI, o amor cortês é um amor irrealizável. Nele a amada está sempre longe do amante, e todas as damas são tratadas de maneira muito parecida. Desse modo, todos os poetas parecem se dirigir à mesma pessoa. Segundo Lacan, o que acontece é que o objeto feminino é esvaziado de sua substância real, ou seja, que a dama nunca é qualificada por suas reais virtudes no amor cortês, dando o efeito de que todas as poesias eram escritas para a mesma pessoa ([1959/60]/2008, p.181).

No amor cortês há a condição da não correspondência amorosa. Para Ferreira (2004), trata-se de um amor fingido, mas que nem por isso é falso, mas como um processo que utiliza todos os artifícios necessários para a invenção de um objeto. O amor cortês, portanto, é uma ficção.

Trata-se de um amor que está inscrito no regime da privação, portanto a falta do objeto é simbólica, como vimos. Tal como o livro que está fora do seu lugar na estante, e por isso inacessível ao bibliotecário, a dama também está em outro lugar, o que simbolicamente a leva a ocupar o lugar de objeto inatingível. A posição da mulher nesse tempo, na sociedade feudal, era o de uma função social, um objeto de troca; já as damas, para as quais as poesias eram dedicadas, eram enigmáticas e inacessíveis. O sofrimento constante decorrente da privação da amada marca a posição do amante. Amar no amor cortês significa renunciar não ao amor, mas ao objeto amado. Aí podemos entender que o amor cortês ama o amor, pois está privado do objeto amado, a relação entre sujeito e objeto está inscrita na falta.

O casamento, por exemplo, na sociedade medieval, não tinha como função o reconhecimento social do amor, mas assim assegurar, por via contratual, a aquisição de bens territoriais e mobiliários. E o que se trocava, quando as famílias sentavam para negociar um casamento? As mulheres (FERREIRA, 2004, p.4).

Assim, as mulheres estariam subordinadas a um homem que seria o pai enquanto filhas, e depois por outro homem que seria o marido enquanto esposas. Mas essa relação se alterava quando elas eram colocadas no lugar de damas, quando um amante escrevia para elas.

Para o homem a privação se faz necessária, e a dama é a privação que o homem impõe para si mesmo, originando assim uma barreira. Como vimos, depois da privação, há a frustração, sendo que a falta do objeto está no registro do real. Isso porque a dama é colocada no lugar de objeto privilegiado, fica com ares de um ser divino, e assim é investida de uma onipotência que permite que ela faça com que o seu amante se submeta aos seus caprichos. A dama está interdita, e é isso que Lacan chama de recusa do dom. Na medida em que é amada, está investida com valor de dom, que é o símbolo do amor. Mas a recusa a amar representa a recusa do dom, e é por isso que o amor cortês fica inscrito na privação e na frustração também.

Trata-se de um modo de relacionamento amoroso que tem como objetivo a não satisfação, já que é um amor impossível. Tal como pode vir a se instalar um quadro de "anorexia mental" na frustração, em que o sujeito come o nada, podemos pensar que no amor cortês isso se faz presente por meio de uma "anorexia sexual", visto que esse amor, tão exaltado, se assegura pela impossibilidade de passar das

palavras para o corpo. É uma maneira de garantir que o desejo não seja esmagado pela demanda atendida, e assim, mantenha-se vivo e pulsante.

A partir dessa interdição, o sexual se transforma, por via da sublimação, numa arte erótica: "O impossível de um amor tem como função velar o impossível da relação sexual." (FERREIRA, 2004, p.51).

Sobre isso, Lacan diz: "o amor cortês é uma maneira inteiramente refinada de suprir a ausência da relação sexual, fingindo que somos nós que lhe pomos obstáculo. É verdadeiramente a coisa mais formidável que já se inventou" ([1972/73]/2008, p.94).

Aí temos a possibilidade de um amor que esconde a inexistência da relação sexual. Para Radaelli (2012, p.37), "o paradoxo desse amor é que o homem, na sua busca de alcançar um amor perfeito, não ama, pois seu objeto encontra-se interditado. O amor cortês está sustentado pelo imaginário, daí porque se diz que essa forma de amor é narcísica".

Por isso a interdição da dama é condição para que o amor cortês possa existir e ser sustentado, é para evitar o confronto com a inexistência da relação sexual que o amante entra nessa relação amorosa.

Para Lacan ([1972/73]/2008, p.93/94), "do que se trata é de o amor ser impossível, e a relação sexual abismar no não-senso, o que não diminui em nada o interesse que devemos ter pelo Outro".

É importante distinguir o amor interditado do amor impossível. O objeto perdido de cada sujeito pode ser reencontrado, de algum modo, nos substitutos para ele nas construções e nos investimentos libidinais que o sujeito fará para si ao longo de sua vida. Mas a cada reencontro, uma ausência se presentifica. O que se marca aí é *das Ding*, objeto radicalmente perdido. *Das Ding*, como vimos no primeiro capítulo, é o impossível (de satisfazer), e não o proibido. É o que está perdido para sempre. Assim, não se trata de uma perda da história do sujeito, mas de uma perda relativa à história da espécie humana (JORGE, 2000, p.143). Por isso não podemos confundir o objeto interditado com o impossível de restabelecer.

Dito de outro modo, não se pode confundir o objeto edípico interditado com o objeto materno. Lacan nos adverte, em *Televisão*: "Mesmo que as lembranças da repressão familiar não fossem verdadeiras, seria preciso inventá-las, e não se deixa de fazê-lo. O mito é isso, é a tentativa de dar forma épica ao que se opera pela estrutura." (1974/2003, p.531). Tal citação nos permite entender que o mito edipiano

é uma maneira de nos dar acesso ao impossível do encontro com *das Ding*, dá contorno a um fato de estrutura. É por isso que a satisfação é sempre parcial, ou, em termos lacanianos, *é não-toda*.

Para Jorge, o incesto se faz presente na vida do sujeito enquanto proibido porque ele é "estruturadamente da ordem do impossível: porque simplesmente não há tal objeto que seria o objeto do gozo absoluto" (2000, p.144). Tabu do incesto é o modo como a cultura nomeia o impossível do qual se trata na sexualidade humana, e, ao mesmo tempo, causa certo amparo na vida humana, produzindo o efeito de que não é que não há objeto, mas é que ele é proibido. É um engano.

Segundo Lacan ([1972/73]/2008, p.52/53), "É daí que parte a ideia do amor. É verdadeiramente a maneira mais grosseira de dar à relação sexual, a esse termo que manifestamente escapa, o seu significado". Nessa via, amor e desejo se opõem, pois o amor é uma tentativa de resposta que o sujeito dá diante da falha do desejo, buscando preencher essa falha do impossível do *objeto* a qualquer custo. O amor visa proporcionar uma estabilidade, dando o caráter de exclusividade ao objeto.

Tanto o amor quanto o desejo encaminham o sujeito falante à busca por algo. Em Freud entendemos que tal busca nos remete aos primeiros objetos.

Desejar implica, num primeiro momento, o reconhecimento do desejo e, num segundo momento, o relançamento do que não se realizou em novas aspirações. Mas se o amado for apreendido como se fosse a outra metade, isto é, como se fosse o objeto do desejo, espera-se do amor um verdadeiro milagre: a junção de dois seres em um (FERREIRA, 2004, p.10).

O amor seria uma tentativa possível para fazer a falta que inscreveu o desejo desaparecer, uma tentativa de recuperar uma parcela de gozo do qual se abriu mão para a entrada na linguagem. Vimos que em Lacan a falta de objeto é uma condição primordial tanto para amar quanto para desejar, visto que é ela que marca a entrada do sujeito na linguagem, quando há a perda de um gozo absoluto. A falta, associada por Freud à castração, é o que funda a lei que introduz o sujeito no registro simbólico.

Em outros termos, o sujeito deve renunciar ao gozo em troca de outra promessa de gozo. O gozo originário, antes da lei, fora perdido. Em troca, tem-se o gozo que é consecutivo à aceitação da castração. A esse gozo Lacan chamará de gozo fálico. Portanto, temos encenado até aqui a relação entre amor e desejo

convergindo em relação ao nascimento de ambos a partir da falta, mas divergindo tanto em relação ao objeto, que nem sempre é o mesmo, quanto ao seu deslizamento, visto que no amor há estabilidade e no desejo não.

Vimos que o amor cortês é um modo eficaz de ocultar a inexistência da relação sexual, mas e as outras relações amorosas, de que modo lidam com isso? Se o amor vem para velar a inexistência da relação sexual, o que isso quer dizer? Lacan lançou esse famoso dito para dizer do impossível da complementaridade entre os sexos. Já em Freud, vimos que há uma diferença nos modos de amar e de desejar para a mulher e para o homem, ao falar do amor feminino como narcísico e do amor masculino como anaclítico, também atestando que as relações amorosas não são da ordem do complemento.

Lacan (1958/1998) avança nas questões pertinentes às diferenças entre os sexos também com relação aos modos de gozar, referindo o homem todo ao gozo fálico e à mulher *não-toda* referida a ele, visto que tem acesso a uma outra modalidade de gozo. Localiza o homem amando a um modo fetichista e a mulher a um modo erotômico. Para avançarmos nesta pesquisa, faz-se então, fundamental, caminharmos no conceito de gozo, para chegarmos às questões relativas aos diferentes modos de gozo na partilha sexual, para podermos entender um pouco mais das aproximações e dos afastamentos entre o desejo e o gozo.

Certamente se a relação entre os sexos não é da ordem da complementaridade, isso não é "apenas" porque amor e desejo em muito se divergem, mas também porque os diferentes modos de gozar se fazem presentes. Se a relação sexual é impossível, isso é porque homem e mulher têm diferentes modos de amar, desejar e gozar.

Para Zalcberg (2011, p.25): "No encontro amoroso, vai-se em direção ao Outro, a fim de o fazer existir tal qual é. O amor constitui o esforço para inscrever o gozo na relação com o Outro." Podemos entender a partir dessa citação que o gozo é uma tentativa de ligar o amor ao desejo.

Caminhando na direção dessa via entre amor, desejo e gozo, encontramos um importante dito lacaniano: "Só o amor permite fazer o gozo condescender ao desejo" ([1962/63]/2005, p.197). Para entendermos esse aforismo lacaniano, bem como esse esforço que há nos sujeitos sexuados para fazer relação com o Outro, faz-se necessário estudar o conceito de gozo para Lacan. O que seria isso que o amor conduz em direção ao desejo?

## 4 AMOR, DESEJO E GOZO

Não pretendemos aqui fazer uma grande explanação sobre o conceito de gozo, que é um tema de grande importância e amplitude na psicanálise lacaniana. Lacan, ao longo de sua teoria modifica o conceito de gozo diversas vezes. Mas para fins desta pesquisa pretendemos falar do gozo apenas no seu recorte que se liga às possibilidades de aproximações e afastamentos entre o desejo e o amor.

### 4.1 GOZO, O QUE É ISSO?

O gozo é um conceito lacaniano que pode ser pensado também a partir do direito, remetendo-nos à noção de 'usufruto', de desfrute da coisa como um objeto de apropriação.

O usufruto quer dizer que podemos gozar de nossos meios, mas que não devemos enxovalhá-los. Quando temos usufruto de uma herança, podemos gozar dela, com a condição de não gastá-la demais. É nisso mesmo que está a essência do direito – repartir, distribuir, retribuir o que diz respeito ao gozo (LACAN, [1972/73]/2008, p.11).

O gozo será sempre parcial, para todo sujeito, será apenas uma parte da pulsão que encontrará satisfação. A esse gozo parcial Lacan denominou gozo fálico, o gozo que é possível e que está relacionado à linguagem e à perda. Há um gozo primordial, absoluto, do qual se abre mão para que se possa ter acesso à linguagem, visto que é condição para que o sujeito fale, que algo lhe falte.

A entrada no gozo fálico implica uma perda de gozo, ou seja, implica a entrada na linguagem. O gozo fálico está submetido à linguagem. Esse gozo perdido é aquele que se refere ao gozo do Outro, da experiência de satisfação: "Ele não existe na realidade, é deduzido, necessariamente, da lógica do significante." (ELIA, 1995, p.90).

Vimos no primeiro capítulo que, para Lacan, a entrada na linguagem inaugura a falta no sujeito. Isso acontece porque há aí uma perda em nível de gozo. O gozo dos primeiros tempos da vida do sujeito lhe fica proibido, eis a castração.

Uma das possíveis formas de compreensão do famoso dito lacaniano "não há relação sexual" é a de que, caso houvesse, os corpos poderiam gozar plenamente: "Gozar tem esta propriedade fundamental de ser em suma o corpo de um que goza de uma parte do corpo do Outro." (LACAN, [1972/73]/2008, p.30).

O que está proibido na castração é um gozo sem limites. Onde estava o gozo do próprio corpo deve advir o desejo, por meio do gozo do Outro. Se há gozo sem limites, então não há lugar para a falta, e, conseqüentemente, para o desejo também não. Eis a ideia lacaniana no Seminário sobre a Angústia: o gozo sem limites deve abrir espaço para o desejo.

É por isso que ele diz que "somente o amor pode condescender ao desejo" (LACAN, [1962/63]/2005, p.197). Entendemos aí, que o amor é um modo de conduzir o gozo ao desejo, mas que há algo de precioso nesse gozo, que o sujeito sempre tentará reaver. A função do *objeto* a será a de preencher o vazio que é inaugurado pelo gozo perdido, e, desse modo, permite que alguma parcela de gozo se recupere.

## 4.2 SOBRE OS PARADIGMAS DO GOZO

Há importantes mudanças no conceito de gozo ao longo da teoria lacaniana, que se fazem importantes de apontar. Miller (2012), de quem aqui nos valeremos, aponta seis paradigmas do gozo na teoria lacaniana, são eles: 1) a imaginarização do gozo; 2) a significantização do gozo; 3) o gozo impossível; 4) o gozo normal; 5) o gozo discursivo; e 6) a não-relação.

O que nos interessa aqui é a mudança que se faz no entendimento do que é o gozo principalmente nos seminários 10 e 20, devido à importância dada ao dito desse seminário que já citamos aqui, "só o amor permite o gozo condescender ao desejo" e também ao gozo feminino sobre o qual falaremos mais à frente.

O primeiro paradigma do gozo está referido ao começo do ensino de Lacan, quando o inconsciente aparecia ora como fala, ora como linguagem. O gozo é

considerado aí como imaginário porque, para Lacan, segundo Miller (2010), tudo aquilo que escapava ao simbólico, era considerado como impedimento à elaboração simbólica.

Sobre isso: "O primeiro Lacan tinha a ideia do gozo como imaginário, sendo o simbólico o que se põe em cruz, pondo uma certa ordem ali. Esse gozo é perigoso, visto que é da ordem da alienação." (TORRES, 2012, p.14, tradução nossa). Nesse momento o eu era uma instância imaginária, interpretado a partir do narcisismo. Por isso o amor era o amor narcísico. Nesse paradigma Lacan põe o eixo do gozo imaginário transversal ao eixo simbólico, apontando o imaginário como uma dificuldade à elaboração simbólica.

No segundo paradigma do gozo, considerado a partir do Seminário 5, Lacan situa o gozo como significante. O falo, então, que antes era considerado como imaginário, passa a ser um significante que faz parte do registro simbólico. Nas palavras de Miller (2012, p.10): "O significante anula o gozo e o restitui sob a forma de desejo significado." O gozo fica repartido aí entre o desejo e a fantasia.

No terceiro paradigma, Lacan fala do gozo impossível, que é justamente o resultado do segundo paradigma, que propõe a significantização do gozo. Ora, o gozo não pode existir se todo ele for morto pelo significante. Aí, é com o seminário que fala sobre a ética da psicanálise, o seminário 7, que Lacan atribui o gozo ao real. É nesse momento que surge a *Das ding* da qual falamos no primeiro capítulo, uma satisfação que não se localiza no simbólico ou no imaginário, mas que é própria do real. Nesse paradigma Lacan considera o gozo como transgressivo, visto que seria pela transgressão o único modo de acessá-lo. *Das ding* fica, então, situada ao lado do gozo.

O quarto paradigma sobre o qual Miller nos fala é o gozo normal. Esse entendimento do gozo se apresenta no seminário 11, com um gozo que é fragmentado em *objetos a*. Aí o gozo já não está mais relacionado à transgressão, mas ao caminho normal da pulsão. O que vemos, então, é uma articulação entre o simbólico e o gozo, não mais uma interrupção abissal entre eles, como era no terceiro paradigma. Nesse caminho, os *objetos a* ganham importância. Diz Miller (2012, p.22): "O objeto pequeno a, em Lacan, é o que, da Coisa, tem menos valor."

Em seguida Miller chega ao quinto paradigma, que é o do gozo discursivo. Aí Miller diz que Lacan retoma a teoria dos significantes para explicar que o gozo não pode ser dito como tal, mas nas entrelinhas. Trata-se de uma outra tentativa de

relacionar o gozo com o simbólico. Lacan destaca que há uma perda de gozo como efeito do significante.

Segundo Lacan (1960/1998b, p.836), "O gozo é vedado a quem fala como tal, só pode ser dito nas entrelinhas por quem quer que seja sujeito da lei, já que a lei se funda justamente nessa proibição." Contudo, não é a lei por si mesma que impede o acesso do sujeito ao gozo, o que a lei faz é uma barreira quase natural ao sujeito que é barrado. "É o prazer que introduz ao gozo seus limites" (p.836), uma vez que o gozo é aquilo que se situa para além do princípio do prazer, o gozo é sempre excessivo.

O gozo deixou de ser transgressivo, como era antes, para ser algo ligado à repetição, no entendimento de que a repetição visa ao gozo. Ele vincula o saber ao gozo nesse momento, dizendo com isso que o gozo está diretamente ligado aos efeitos da linguagem, pois "o gozo é impensável sem o significante e que existe aí, uma espécie de circularidade primitiva entre o significante e o gozo" (MILLER, 2012, p.37). Como vimos no capítulo 1, a entrada na linguagem se faz por uma perda de gozo, por isso não poderia não haver aí uma relação íntima ligada aos primeiros tempos.

Chegamos, finalmente, ao sexto paradigma, que é o da não relação. Aqui podemos entender a fala como gozo. Isso por causa do que Lacan chamou de *lalíngua*, que é a fala que antecede a comunicação, que está antes do ordenamento gramatical. Para Miller (2012), o seminário "Mais, ainda" ([1972/73]/2008) é o seminário das não relações. Há uma disjunção entre significante e significado, entre gozo e Outro, entre o homem e a mulher, entre a fala e a comunicação. É o corpo que está em questão quando se trata de gozo, se apresentando sempre como um obstáculo à relação. Por isso Miller destaca a importância de considerar o nome do Seminário, que em francês é *Encore* (mais ainda), e sua homofonia com *en-corps* (em corpo). Mais do que a repetição, é o corpo que está em jogo. É sempre o próprio corpo quem goza, denunciando aí a solidão dos sujeitos. A isso Lacan chamou de gozo Uno. "Esse gozo fálico é definido por ele como gozo do idiota, do solitário, um gozo que se estabelece na não-relação com o Outro." (MILLER, 2012, p.44). Esse gozo Uno, Miller diz que é o gozo fálico, no sentido de que é isolado do Outro.

Para Torres (2012), o fato de o seminário 10 ter sido publicado 31 anos depois do seminário 11 é porque Miller estava trabalhando o conceito de gozo. No entendimento da autora, o Seminário 10 se aproxima do seminário 23 pelo modo como o real se faz presente.

Em resumo, vimos que inicialmente, o gozo significativo tem a presença do desejo, o que faz com que o gozo seja possível de tornar-se significativo, o que é um paradoxo, pois o significativo é o que mortifica o gozo. Assim, Lacan considerou o gozo como da ordem do significativo, mas não sem um irreduzível, que foi nomeado como "o impossível do gozo". Esse impossível levou Lacan à questão: do que goza o sujeito? Dessa questão é que surgiu a ideia do gozo como fragmentado que o encaminhou a valorizar os *objetos a*.

Esse entendimento do gozo já se faz presente no seminário 11, segundo Miller. Nesse seminário Lacan refere-se a um gozo que sobrevive à significantização dele. Trata-se de um gozo fragmentado, "porque se refere aos *objetos a* em sua relação com os orifícios do corpo: o objeto anal e o objeto oral que estavam em Freud, o objeto olhar e o objeto voz, que são objetos que Lacan agrega. Estão referidos às bordas do corpo" (TORRES, 2012, p.36).

Para Torres (2012), esse giro no entendimento do gozo é conduzido pela sexualidade feminina. Lacan faz aí uma importante mudança na leitura, pois retira a mulher do lugar daquela que tem um órgão a menos, para passá-la ao lugar daquela que tem um gozo a mais, que vai culminar no Seminário 20, em que Lacan falará do gozo feminino, diferenciando-o do gozo fálico: "A angústia que estava referida à falta na mulher, como angústia de castração ou de privação, passa a ser a angústia referida a detumescência do órgão." (TORRES, 2012, p.28).

Assim, o gozo fica ao lado do real do corpo, referido à detumescência do órgão, pois não há nenhum órgão que não passe pela ereção e então pela queda. Essa angústia deveria ser apenas a masculina, mas no seminário 10 Lacan diz que as mulheres têm acesso a ela.

#### 4.3 ENTRE O GOZO E O DESEJO: O AMOR

Feitos tais apontamentos sobre os paradigmas do gozo, é importante dizer que se o amor e o desejo se aproximam e se afastam, conforme já vimos, vemos agora que também o gozo ora aproxima o desejo do amor, ora os afasta.

O Seminário sobre a angústia se faz importante porque em Freud tem-se a ideia de que um pênis é um órgão adequado para gozar, mas a partir daí Lacan entende que a mulher goza mais justamente por não ter um pênis, o que vai ao encontro do dito lacaniano do seminário 20, de que o homem só goza do próprio órgão: "É isso o que um analista deve sustentar em uma análise, porque o neurótico quer ter um órgão adequado para o gozo assim como também quer fazer coincidir o amor, o desejo e o gozo." (TORRES, 2012, p.51).

Essa mudança na leitura do gozo faz com que o Seminário da Angústia se diferencie dos anteriores. Para Torres (2012, p.31), esse seminário "se opõe à teoria do amor narcísico, já que o seminário mesmo é um questionamento do corpo como narcísico, e por isso, do amor e do gozo como narcisistas". Ou como afirma Braunstein (2007, p.46):

É sabido que para Lacan, diferentemente de Freud, a castração não é uma ameaça, mas, pelo contrário, é salvadora. A ameaça verdadeira, a terrível, é que não haja castração. A clínica mostra, às vezes, que os defeitos na função do pai, que é a de incluir o sujeito na ordem simbólica, é a causa de um apelo desesperado, patético, à intervenção castradora que separe a criança do gozo e do desejo da Mãe.

A angústia deixa de ser a de castração e passa a ser considerada como sinal da falta da falta. Por isso podemos entendê-la como o avesso do amor, pois se o amor é o que liga o gozo ao desejo, a angústia denuncia a impossibilidade dessa ligação. Lacan diz que a angústia é o que não engana (1962/63), enquanto o amor, esse pode enganar. Miller diz que enquanto o amor preserva o lugar da falta no Outro, a angústia a tampona (2005).

De um lado, "o amor é enganador e enganado" (MILLER, 2005, p.43). De outro lado, "o desejo é enganado e iludido". Já a angústia é o que não engana, é o que não se deixa significantizar.

Mais à frente, no mesmo artigo, Miller (2005, p.53) diz: "O que é divertido, no Seminário, A angústia, é a introdução do amor entre gozo e desejo, como mediador. O amor é ali mediador porque desloca ou falsifica o pequeno a, tornando-o objeto visado [...] enquanto a angústia não é mediadora."

Desejo e gozo estão em campos diferentes, o desejo está do lado do simbólico e gozo do lado do real. "O significante vai por um lado e o real por outro; o

desejo, que sempre pertence ao registro simbólico, significante, vai por um lado e o gozo, que se apresenta ao nível do corpo e pertence ao registro do real, vai por outro." (TORRES, 2012, p.19).

Se há uma relação entre gozo e desejo, entendemos que é a castração que a permite, visto que é o impossível do gozo sem limites que desperta o desejo: "O que a experiência analítica os permite enunciar, é bem mais a função limitada do desejo. O desejo, mais do que qualquer outro ponto do quinhão humano, encontra em alguma parte seu limite." (LACAN, 1964/1988, p.343).

Segundo Caldas (2010, p.3), "A reciprocidade se constitui não só pela expectativa de amor que o amante demanda ao outro, mas também porque há, no outro, algo que faz com que ele seja amado. O sujeito não quer saber da solidão do gozo". A fantasia vem, assim, para encenar o gozo compartilhado como possível, apresentando imaginariamente a fusão entre sujeito e objeto, entre pensamento e ser, entre homem e mulher, unidos sem que haja faltas ou perdas.

Para Badiou: "O sexual não une, separa. Uma pessoa estar nua, colada a outra, é uma imagem, uma representação imaginária. A realidade é que o gozo nos conduz para longe, para muito longe do outro." (BADIOU; TRUONG, 2009/2013, p.18). Que um corpo esteja colado no outro não quer dizer que um corpo tenha se tornado o outro. Por isso o dito lacaniano de que não há relação sexual se torna evidente aí. Para que se tenha acesso ao gozo é preciso a mediação do corpo do outro, mas o gozo será sempre o gozo do próprio corpo, no fim das contas. A imagem dos corpos colados é uma fantasia.

A fantasia aproxima e também separa os sexos. Separa, porque a fantasia se interpõe entre homens e mulheres, visto que a relação entre os sexos não é a de complemento. Mas também os aproxima, pois ela favorece os seus encontros. Assim, podemos entender que, em sua essência, a fantasia é a do desejo de completude, como dissemos no primeiro capítulo. Sobre isso, Jorge diz que a fantasia de amor "é extremamente consistente para atingir o objetivo de dar sentido ao sem sentido da relação sexual" (2010, p.82). Mas será que então o amor seria só uma fantasia?

Certamente não, pois já vimos que, se por um lado amor e desejo se afastam, uma vez que o primeiro é metafórico e o segundo é metonímico, por outro lado eles se unem, já que ambos são derivados da falta. Desse modo, o desejo impede que o amor se fixe apenas no registro imaginário, convidando o amor ao registro simbólico,

assim como o gozo também inviabiliza que o amor se consolide apenas como uma fantasia, convocando o registro do real a se fazer presente por meio do gozo. Portanto, não se pode confundir a fantasia amorosa com o amor.

Se podemos entender o amor localizado como uma fantasia que se encontra no imaginário, é certo que isso não é dizer tudo sobre o amor. Entendemos aí que a fantasia é a maneira que o neurótico encontra para se proteger do gozo e é por isso que uma análise é um convite à travessia da fantasia, sem, no entanto, fazer com que o sujeito deixe de amar. Lacan escreve a fórmula da fantasia do seguinte modo:  $\$ \diamond a$ , o que significa que há inúmeras relações possíveis do sujeito com a o seu *objeto a*. Atravessar a fantasia significa dar acesso ao desejo, representante da falta que presentifica o gozo perdido.

A fantasia encena a presença da perda do gozo que foi perdido para adentrarmos na linguagem, gozo esse que, enquanto sujeito falantes, tornou-se inacessível.

No amor há reciprocidade, no gozo não. Lacan cita Sade: "emprestai-me a parte de vosso corpo que possa me satisfazer um instante, e gozai, se isso vos agrada, da parte do meu que pode ser-vos agradável" ([1959/60]/2008, p.242).

Um empresta ao outro um recorte de seu corpo para que o outro possa gozar:

só se pode gozar de uma parte do corpo do Outro, pela simples razão de que jamais se viu um corpo enrolar-se completamente, até incluí-lo e fagocitá-lo, em torno do corpo do Outro. É por isso que somos reduzidos a um estreitamentozinho assim, a tomarmos um antebraço, ou não importa o quê – puxa! (LACAN, [1972/73]/2008, p.29).

Podemos entender, então, que o gozo de um despedaça o outro, pois o que interessa a um é uma parte do outro. Lacan falará do caráter fetichista do amor do homem, que, por estar mais próximo do gozo, ama pedaços da mulher, recortando-a. Retomaremos essa discussão no próximo tópico.

Ao gozo limitado, mediado pela cultura e inserido no registro simbólico, Lacan chamou de gozo fálico. Porém destacou que há um gozo Outro, que está ligado ao infinito, do lado do Real e a ele chamou de gozo suplementar ou gozo feminino. Não é por acaso que é justamente no seminário intitulado "Mais, ainda", que Lacan se dedica a falar sobre o amor. Ali Lacan nos ensina que o amor está do lado do infinito

do gozo feminino. Para a mulher, o amor tem um valor tão alto que Freud chegou a colocar a sua perda como equivalente à castração no homem.

Se amor e desejo ora convergem, ora divergem, esta é uma das causas das insatisfações amorosas. Pois ainda que o amor e o desejo se dirijam ao mesmo objeto, os seres falantes não se cansam de queixar-se dos relacionamentos amorosos, pois a relação sexual atesta a sua inexistência a todo o tempo.

Como vimos, Lacan diz que o amor vem em suplência à inexistência da relação sexual ([1972/73]/2008, p.62). Assim como Freud destacou diferenças importantes no modo de amar da mulher e do homem ao falar de como o narcisismo se restabelece para um e para outro em termos imaginários, entendemos que Lacan também marcará algumas diferenças importantes.

Podemos encontrar já em Freud algumas ideias que nos remetem a essa teoria sobre a qual Lacan falou e Miller desenvolveu. No texto "Sobre o narcisismo: uma introdução" (1914/1996), Freud falou sobre diferenças fundamentais em relação às escolhas amorosas dos homens e das mulheres sendo característico, nos homens, o amor ao modo objetal e nas mulheres o amor ao modo narcísico, como vimos no segundo capítulo. Aqui se faz necessária uma breve retomada desta temática, que já trabalhamos no segundo capítulo, para então avançarmos.

Na escolha anaclítica, que é a escolha masculina, há uma transferência de investimento narcísico do amante para o objeto amado, o que resulta num empobrecimento da libido investida no próprio eu, e, por consequência, um aumento na libido direcionada ao objeto.

Já na escolha narcísica, que é a modalidade mais frequentemente feminina, ao invés da transferência do narcisismo para o objeto, o que ocorre é um aumento do investimento das mulheres em seu próprio eu. Sobre isso, Freud (1914/1996, p.108) diz: "é só a si mesmas que essas mulheres amam, com intensidade comparável à do homem que as ama. Elas não têm necessidade de amar, mas de ser amadas, e estão dispostas a aceitar o homem que preencher esta condição".

Freud nos aponta aí duas modalidades diferentes de amor, já problematizando o amor na partilha sexual, pois não há complementaridade entre os dois modos de amar, causando insatisfação amorosa.

Vemos aí uma incongruência amorosa nos homens, pois se no tipo anaclítico o sujeito perde parte de seu narcisismo e supervaloriza o amado, o que ele quer do

amado é restabelecer o seu narcisismo, então o esperado seria que o amado o amasse também ao modo anaclítico. Porém, o que se vê na teoria freudiana é que a mulher poderá amá-lo ao tipo narcísico, denunciando a dissimetria amorosa. Sobre isso, Freud (1914/1996, p.109) nos diz: "já que grande parte da não-satisfação do homem apaixonado, as dúvidas quanto ao amor da mulher, as queixas sobre os enigmas de seu modo de ser, tudo isso tem uma mesma raiz: a incongruência entre esses dois tipos de escolha objetal".

É importante destacar que Freud nos adverte que esta escolha objetal não se repete indiscriminadamente entre todos os homens e todas as mulheres, visto que há homens que amam ao tipo feminino e há mulheres que amam ao tipo masculino. A insatisfação amorosa não é exclusividade dos homens, pois já vimos que se faz presente na vida amorosa de todo o ser falante.

Segundo Ferreira (2004, p.12): "Quando se ama, o que está em jogo é a suposição de um ser – riqueza interior – no outro. Quando se deseja sexualmente, o que entra em cena é o outro capturado como objeto." O amor é posto como recíproco, enquanto o gozo, como dissemos, não o é. Mas isso não é o mesmo que dizer que o amor pode remediar a inexistência da relação sexual, que se destaca no gozo. Se o amor pretende obturar a ausência da relação sexual, isso não é por meio da sexualidade, pois o que encontramos na relação de um sujeito para outro sujeito, e não para um corpo, é a afirmação lacaniana: "quando a gente ama, não se trata de sexo" (LACAN, [1972/73]/2008, p.31).

#### 4.4 AMOR, DESEJO E GOZO NA PARTILHA SEXUAL

A psicanálise se mostra sempre em busca de novos saberes e elaborações sobre a vida amorosa. Se por um lado considera as mudanças que acontecem nas relações entre homens e mulheres em nossos tempos, por outro lado ela nos demonstra que a subjetividade, seja ela feminina ou masculina, é determinada pela pulsão e pelo inconsciente, que é a partir daí que o ser humano se constitui como homem ou mulher.

É importante dizer que a escolha da identidade sexual não se dá pela anatomia, mas pela posição subjetiva no discurso. Desde Freud sabemos que ser homem ou mulher é uma travessia edípica, e Lacan nos ensina que os seres falantes irão dizer-se homens ou mulheres, a partir da posição subjetiva que ocupam em relação ao significante fálico. Essas posições subjetivas, masculina e feminina, são consequências do que acontece na infância do sujeito. Cada criança deve trilhar um caminho ao longo de sua infância para chegar à realização de uma identificação sexual.

Há todo um discurso social no qual a criança está inserida desde que se sabe o sexo de uma criança. Se é um menino, não se trata apenas de ser o portador de um pênis, mas que será viril, que será um homem. Se é menina, não significa apenas que não terá pênis, mas que será bela, enigmática; significantes esses oriundos do Outro social no qual estamos imersos. Mas é preciso ainda mais para fazer um homem ou uma mulher.

É certo que Lacan não pretendia definir o modo de um homem ou de uma mulher amar, mas é inegável que se há uma diferença sexual que marca o campo do feminino e do masculino, diferença essa que Freud já dizia que acontecia nos diferentes modos de atravessamento edípico; é claro que essas diferenças impõem-se também nas maneiras de os sexos se relacionarem.

Aí encontramos uma assimetria na vida amorosa. De um lado há a angústia de castração do menino, de outro lado há a menina que busca, pela via do amor, algo que lhe apazigue na inexistência de um significante que garanta a sua feminilidade.

Segundo Freud ([1920/23]/1996), os seres humanos se dividem não entre os que têm (pênis) e os que não têm, mas entre sabidamente castrados (mulheres) e supostamente não castrados (homens). A teoria da castração postula que os seres humanos não mais são divididos entre os que têm e os que não têm o órgão, num registro imaginário, para dividir os seres humanos num registro simbólico, o do falo, deslocando assim o eixo da sexualidade infantil do corpo para o inconsciente, fazendo não coincidir o pênis ao falo.

Assim, nenhum ser humano escapa à lógica fálica: "O falo é, pois, um símbolo de desejo, daquilo que nunca alcançamos e daquilo a que temos que renunciar para nos tornarmos homens e mulheres. É como significante do desejo que o falo funciona no inconsciente e na análise." (ZALCBERG, 2008, p.27).

À psicanálise interessa saber as particularidades do modo como cada sexo é regido pela lei do falo, isso porque o falo é masculino e é o único representante do sexo no inconsciente, não existindo, assim, um representante da feminilidade. Desse modo, há só um sexo, visto que o outro sexo fica sem representação. Daí a máxima lacaniana que diz que "A mulher não existe" (LACAN, [1972/73]/2008). Para o homem, o falo o representa em sua sexualidade, para a mulher, não há significante com o qual ela possa identificar-se sexualmente.

Lacan diz de um modo de gozar que é próprio do ser falante, que se caracteriza por um gozo masculino, que é o gozo fálico. Porém, a mulher não se coloca toda no registro fálico, ficando assim dividida no que concerne ao modo de gozar. Por isso Lacan fala em gozo fálico e gozo mais-além do fálico, chamado por ele de gozo suplementar.

O masculino é todo regido pela lógica fálica, enquanto para o feminino, a lógica fálica opera apenas parcialmente. Essa explicação nos leva ao texto freudiano "Totem e tabu" (1913/1996). Nesse texto Freud nos conta que, num tempo primitivo, os homens viviam em hordas, e em cada horda havia um pai que podia usufruir de todas as fêmeas. Um dia, os filhos da tribo se rebelaram contra o pai e deram um fim ao reino da horda selvagem, matando o pai e comendo o seu corpo. Contudo, após o ato de violência um intenso sentimento de culpa foi despertado, e como consequência desse remorso instauraram em seguida a exogamia (pela qual todos os membros da horda devem renunciar à posse das mulheres da mesma horda) e o totemismo (pelo qual era proibido o assassinato do substituto do pai). Os filhos mataram o pai original, e do amor por esse pai é que uma certa ordem se estabelece. Novamente encontramos aí o amor ao lado da castração.

Freud destaca que há um desejo incestuoso no ser humano, do qual é preciso recuar para pertencer à horda. Assim, o que permaneceu entre os homens foi um anseio de ser o único a escapar da castração, de ser a exceção, o que confirma a regra de que todos os outros homens seriam totalmente regidos pela norma fálica.

Contudo, no caso das mulheres, não há confirmação da regra, visto que todas são castradas, não há exceção, não há confirmação da regra e por isso elas não fazem um conjunto. Assim, a ideia de uma norma universal não se adequa a elas. Por isso elas só podem existir singularmente, uma a uma.

No ensino lacaniano vemos que o homem está todo ele submetido à lógica fálica, enquanto a mulher está *não-toda* submetida, o que explica a particularidade da posição feminina na sexualidade. Diz Lacan ([1972/73]/2008, p.38): "a mulher não é toda, há sempre alguma coisa nela que escapa ao discurso".

Dizer que a mulher está *não-toda* submetida ao gozo fálico não é o mesmo que dizer que nem todas elas são submetidas à castração. Vimos que não há exceção do lado feminino, todas as mulheres são castradas, porém não inteiramente. Nesse sentido, uma mulher não é toda determinada por seu inconsciente: "Pois o que quer uma mulher, em última instância, é receber um suplemento de inconsciente" (ZALCBERG, 2008, p.48), suplemento este que lhe possibilitaria existir como sujeito onde ela é só um corpo que goza.

Há o gozo fálico, no qual o homem está todo inserido, e a mulher está parcialmente inserida, e há o gozo suplementar, um gozo do qual embora as mulheres tenham acesso, nada sabem sobre ele. Para Lacan ([1972/73]/2008, p.80): "Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta – isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece. Isso não acontece a elas todas."

Lacan diz que acontece a alguns homens de ter essa experiência de gozo mais além do falo, a esses homens ele chama de místicos. Porém, diz que o testemunho deles é o mesmo que o das mulheres, o que dizem é que não têm nada a dizer sobre ele.

Que a mulher seja *não-toda* significa dizer que há algo dela que fica fora do discurso, que uma parte dela não se pode atingir pelas palavras. Há uma parte que está ausente de si mesma e que não é alcançada pelo registro simbólico, daí a impossibilidade de as palavras dizerem tudo sobre uma mulher.

Não há mulher senão excluída pela natureza das coisas que é a natureza das palavras, e temos mesmo que dizer que há algo de que elas mesmas se lamentam bastante por hora, é mesmo disto – simplesmente, elas não sabem o que dizem, é toda a diferença que há entre elas e eu. Nem por isso deixa de acontecer que se ela está excluída da natureza das coisas, é justamente pelo fato de que, por ser não – toda, ela tem, em relação ao que se designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar (LACAN, [1972/73]/2008, p.99).

É por não estarem completamente submetidas ao Édipo e não poderem ser todas ditas que as mulheres têm com o real uma maior intimidade. Nesse gozo a mais que a mulher obtém "revela-se a força da forma erotomaníaca de amor que é a da mulher a se manifestar na exacerbação de sentimentos amorosos com seus parceiros sexuais" (ZALCBERG, 2008, p.105).

O que as relações amorosas indicam é que cada um dos sexos busca no Outro um determinado objeto por intermédio do parceiro. Entre homens e mulheres não há relação sexual, o que existe são encontros que tentam atravessar as não relações. Há uma disjunção que se abre entre gozo e amor que é advinda da inexistência dessa relação.

A partir dessa perspectiva lacaniana de diferentes modos de gozar, podemos entender que a diferenciação entre a maneira feminina e a maneira masculina de amar e desejar está relacionada aos seus diferentes modos de posicionamento em relação ao gozo. Enquanto o homem busca no Outro um objeto fetiche, o que a mulher busca é um objeto erotomaníaco.

#### 4.5 A POSIÇÃO EROTOMANÍACA E A POSIÇÃO FETICHISTA

Encontramos em Lacan: "Se a posição do sexo difere quanto ao objeto, é por toda a distância que separa a forma fetichista da forma erotomaníaca do amor. Devemos encontrar seu destaque na mais comum das vivências." (LACAN, 1960/1998a, p.742).

Como vimos ao falarmos do amor transferencial, para Lacan amar é dar aquilo que não se tem. Isso é propriamente o amor, o que concerne ao Outro enquanto privado daquilo que dá. O amor não é propriamente uma questão de ter, mas de ser (MILLER, 2010c, p.12). Assim, no amor, o Outro é barrado, pois não tem aquilo que dá, é por isso que o amor está ao lado da castração.

Ao encontrar no homem o significante de seu desejo, a mulher dirige a ele a sua demanda de amor. Mas ela não encontrará nenhuma garantia do seu amor, o que a encaminha para a vertente erotomaníaca do amor feminino, mediante a insistente pergunta: você me ama?

Laurent (2012) diz que Freud já havia questionado a presença do superego na mulher, dizendo que nas mulheres havia um desejo decidido, que as tornava capazes de tudo. Para Lacan, há um mais além desse "caráter decidido", que apontaria para o caráter louco do amor. Em "Televisão" Lacan diz: "não há limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo, sua alma, seus bens" (1974/2003, p.538). Para a mulher, o amor é louco e sem limites, assim como o seu gozo.

Para Lacan, segundo Miller (2010a), para a mulher a via predominante é a convergência entre amor e desejo no mesmo objeto, enquanto para o homem a via predominante é a divergência entre amor e desejo nos objetos. Mais à frente ele diz: "Quer dizer: a mulher engana o homem com o mesmo homem." (p.10).

Miller nos adverte de que os esquemas de Lacan não significam que todos os homens são infiéis e que as mulheres são fiéis, e inclusive diz que algumas mulheres, quando numa relação de disputa narcísica no casamento, podem ver a sua alteridade reduzida de tal forma que precisem buscar outros homens, na tentativa de resgatar a sua alteridade sendo a mulher ilegítima de outro. É sempre preciso verificar caso a caso.

Em Freud (1912/1996d) vimos que uma das condições para o amor do homem é que a mulher seja casada, que seja a mulher de outro homem. Miller (2010a) diz que essa é uma maneira tonta de tentar se aproximar da mulher como Outra, ele toma a mulher do outro em busca de recuperar a alteridade dela. Só se pode fazer isso com a mulher do outro, pois, tratando-se da sua própria mulher, a alteridade não estaria constituída, então ele recupera a alteridade pela ilegitimidade. Para Miller, a infidelidade feminina ao homem se dá na tentativa de recuperar a sua alteridade, que por vezes pode não existir no casamento.

Sobre o homem, diz que ele visa satisfazer sua demanda de amor na relação com a mulher,

na medida em que o significante do falo realmente a constitui como dando amor naquilo que ela não tem, inversamente seu próprio desejo do falo faz surgir seu significante, em sua divergência remanescente, dirigido "a uma outra mulher", que pode significar esse falo de diversas maneiras, quer como virgem, quer como prostituta (LACAN, 1958/1998, p.702).

Desse modo, nos homens, esses dois valores se separam em dois objetos. Já na mulher, eles até podem vir a ser convergentes, mas a duplicação do objeto está velada, já que o mesmo objeto masculino deve sustentar os dois contrários.

Ainda sobre a mulher, continua:

não é semelhante a ela mesma: é Outra como tal. Isso nos faz entender porque as mulheres gastam tanto tempo frente ao espelho: um esforço de reconhecer-se nele ou para assegurar-se de que é outra do que é. Pois bem, é possível que a mulher não possa se reconhecer, a não ser sob a condição de se assegurar de ser outra (MILLER, 2010a, p.11).

Podemos entender esse efeito de ser Outra para si mesma a partir dos efeitos que estar submetida a dois modos de gozar causam na mulher, pois está submetida à castração, porém, por ser *não-toda* submetida a ela, tem uma intimidade com o real.

Por isso, na fantasia de uma mulher, o que o homem fará é ser um elo entre os seus dois modos de gozar. Para Lacan (1960/1998a, p.741): "O homem serve aqui de conector para que a mulher se torne esse Outro para ela mesma, como o é para ele."

Aí Lacan trabalha algumas ideias freudianas no campo da dicotomia masculina no âmbito amoroso, pois ela pode ser efeito de uma impotência psíquica do homem, que não se sentiria à altura de amar e desejar uma mulher semelhante a ele. E que, por vezes, precisa, então, dar-lhe algo que ela deseja.

Dizer que a relação sexual não existe é também dizer que não há uma condição que seja suficiente para as escolhas amorosas. Vemos aí que a dissimetria amorosa está posta. Ainda quando amor e desejo se convergem para o mesmo objeto, espera-se mais de um efeito do objeto. Para Lacan (1958/1998, p.698): "no que tange a cada um dos parceiros da relação, não basta serem sujeitos da necessidade ou objetos do amor, mas têm que ocupar o lugar de causa do desejo". Dito de outro modo, para que um homem queira se relacionar com uma mulher, que ela seja do sexo feminino não é o suficiente.

Para Freud, a impotência psíquica aparece toda vez que diante de um objeto escolhido que prevê evitar o incesto, algo aparece para lembrar o objeto proibido por meio de alguma característica que muitas vezes é imperceptível. Diante dessa divisão entre o objeto de amor e o objeto de desejo, aparece a depreciação do objeto, para

que assim a sensualidade possa aparecer. Freud nos diz que esse esforço de degradação do objeto é uma tentativa, pela via da fantasia, de transpor essa distância entre a via sensual e a via afetiva. Tal fantasia seria uma tentativa de transgredir a interdição.

Em termos lacanianos podemos dizer que o que está em jogo aí é uma tentativa de gozar do corpo do Outro por via da degradação, reduzindo o seu corpo ao *objeto a* do fantasma. Por isso, ao sujeito só é permitido encontrar seu parceiro sexual por meio do objeto parcial. É justamente esse objeto que aparece diante da existência do Outro que delata a impossibilidade da relação sexual existir, visto que o Outro só pode ser tocado parcialmente, pelo olhar, pela voz, por uma série de objetos que não passam de substitutos do Outro.

Por isso diz Lacan ([1963/64]/1988, p.249): "Eu te amo, Mas, porque inexplicavelmente amo em ti algo mais do que tu – o objeto a minúsculo, eu te mutilo." O que se ama é o outro, que veste os nossos próprios *objetos a*. É nesse sentido que Miller diz que no que concerne ao gozo, não há relação com o Outro: o gozo não tem relação senão com ele mesmo (MILLER, 2012, p.4).

Para o homem, além da parceria amorosa que o homem busca, está sempre a fantasia pelo modo como o homem pretende reaver a sua perda de gozo. A falta que a mulher comporta, para o homem é intolerável, por isso ele associa um fetiche, na tentativa de cobrir a sua falta. Assim a parceira do homem no amor é tomada como objeto, por meio do qual ele resgataria uma parte de si mesmo. O homem reveste a mulher com o falo para velar o horror da castração e assim poder desejá-la. Nesse sentido, "não é a mulher que o homem aborda, mas a causa de seu desejo, o *objeto a*" (LACAN, [1972/73]/2008, p.67-68). O homem, então, não busca uma mulher qualquer, mas sim aquela que seja portadora do seu *objeto a*

"De sua parte, o homem se relaciona com o objeto e é por isso que lhe custa muito se relacionar com uma mulher porque ele se relaciona é com o fetiche." (TORRES, 2012, p.67). Uma mulher pretende que um homem goze do seu corpo todo, enquanto o homem goza do órgão, do órgão chamado fálico.

Ainda segundo Torres, a mulher lacaniana não é a mãe. "Diferentemente, a mulher freudiana acaba por ser a mãe, porque a solução para a feminilidade normal é a que se pode realizar a equação 'bebê = falo'. Ou seja, se opõem radicalmente a mulher freudiana da lacaniana." (2012, p.61).

Segundo Lacan, "a mulher só entra em função na relação sexual enquanto mãe" (1972/73/2008, p.40). Para Zalcberg (2008, p.108), "a mãe contamina a mulher para um homem", o que nos esclarece a dificuldade que o homem tem para fazer convergir no mesmo objeto o amor e o desejo sexual. Por isso há homens que se desejam não amam e se amam não desejam. Quando isso acontece não podem desejar a mulher que amam porque ela está demasiadamente idealizada para desejá-la, então só podem degradá-la.

#### 4.6 AMOR E DESEJO: AFASTAMENTOS E APROXIMAÇÕES

Nosso percurso até aqui nos permitiu perceber que se o amor e o desejo se tocam em algum ponto, esse ponto certamente é o registro simbólico, visto que o desejo está inteiramente inserido no simbólico, enquanto o amor fica entre o imaginário e o simbólico. Podemos pensar o amor e o desejo como convergentes em relação ao seu nascimento, uma vez que ambos são consequências da conjugação da falta com a castração. Mas com relação a todos os outros aspectos que estudamos, amor e desejo se mostram divergentes. Para melhor visualizarmos esses afastamentos fizemos um quadro.

	EM RELAÇÃO À FALTA	ONDE APONTA	OPERAÇÃO	EM RELAÇÃO AO OBJETO	EM RELAÇÃO À SEXUALIDADE	EM RELAÇÃO AO REGISTRO	EM RELAÇÃO AO NASCIMENTO
Desejo	Quer manter	No objeto	Metonímia	Instável	É sexual	Simbólico	Antes
Amor	Quer obturar	No ser	Metáfora	Estável	Não é sexual	Entre o Simbólico e o Imaginário	Depois

Portanto percebemos que amor e desejo por vezes se afastam e, por vezes, se opõem. Em relação à falta, ao objeto e à sexualidade, podemos entender que o amor e o desejo se colocam como avessos. Já quanto ao registro, ao nascimento e para onde aponta, pode-se considerar o amor e o desejo afastados.

Se o amor e o desejo fazem parte dos registros imaginário e simbólico, isso não é sem tocar o real. Como vimos no início deste capítulo, o gozo se faz presente

na relação entre o amor e o desejo. Desejo e gozo não se complementam, e por isso o amor ou a angústia se fazem presentes.

Já o amor (diferentemente do gozo, que é autoerótico, pois é do próprio órgão que se goza) se dirige ao Outro. O amor busca o Outro e não o encontra, pois o Outro não existe, daí a fórmula  $S(\bar{A})$ . Assim temos o estatuto do Outro como não-tudo, pois o fato de haver uma barra sobre o Outro não quer dizer que nada dele mais exista. É a partir desse Outro barrado, desse Outro inconsistente, que podemos dizer que o amor perdura. Dizer que a relação sexual não existe não é o mesmo que dizer que o amor não existe.

Ao buscar o Outro o amante não o encontra, pois, para Lacan, o que caracteriza o amante é que algo lhe falta, e que não se sabe o que é esse algo, é o sujeito que está em falta e que por isso deseja ([1960/61]/1992, p.42). O amante é o sujeito do desejo e o amado é aquele que tem alguma coisa. Do outro lado, o amado é aquele que não sabe o que tem. O amante visa encontrar no amado aquilo que lhe falta, para suprir sua carência. Lacan nos diz que aí está todo o problema do amor, pois entre o que o amante supõe ter e o que o amado tem não há coincidência: "o que falta a um não é o que existe escondido no outro" (p.46).

Essa tentativa de reencontrar-se com algo de si no outro é justamente a busca pelo objeto irremediavelmente perdido, do qual falamos no primeiro capítulo. O desejo funda-se na permanência de uma constante insatisfação, que lança o ser humano na busca por novos objetos em busca de uma satisfação absoluta e que, por isso, é impossível de ser alcançada. Por isso diz-se que o desejo é metonímico, pois há um deslizamento de um objeto para outro no campo do desejo. Em virtude disso, amor e desejo se opõem, já que "o amor é uma tentativa de resposta exitosa do sujeito à falha inerente ao desejo, pois o amor não admite essa falha, ele quer preenchê-la a todo o custo" (JORGE, 2000, p.146).

Segundo Lacan ([1972/73]/2008, p.53):

*Nós dois somos um só. Todo mundo sabe, com certeza, que jamais aconteceu, entre dois, que eles sejam só um, mas enfim, nós dois somos um só. É daí que parte a ideia do amor. É verdadeiramente a maneira mais grosseira de dar à relação sexual, a esse termo que manifestamente escapa, o seu significado.*

Podemos supor, a partir daí, que é o desejo que permite que duas pessoas se amem, na medida em que, justamente por seu caráter metonímico, impede que a

plena satisfação aconteça, o que acarretaria no fim do amor, caso encontrasse uma resposta exitosa. Por isso o amor é um encontro faltoso, pois é porque algo sempre falta nesse encontro que ele continua acontecendo.

Nas palavras de Lacan ([1972/73]/2008, p.13): "O amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos...A relação *dos* quem? – *dois* sexos."

O encontro com o objeto no registro simbólico dá consistência a um mínimo de estabilidade na relação entre sujeito e objeto. Mas essa mínima consistência se apresenta como insuficiente para parar o deslocamento metonímico do desejo em relação aos objetos. Aí o registro imaginário aparece, com a pretensão de estabilizar de forma decisiva a relação que o sujeito tem com o objeto.

Lacan propõe que "o deslocamento da negação, do para de não se escrever ao não para de se escrever, da contingência à necessidade, é aí que está o ponto de suspensão a que se agarra todo o amor" ([1972/73]/2008, p.199). Dito de outro modo, algo que não cessava de não se escrever, que é da ordem do impossível, da ordem do real, cessa de não se escrever, eis a contingência do amor. O objeto abandona a condição de contingente, de substituível para ganhar o estatuto de necessário.

Como diz Lacan ([1972/73]/2008, p.51), "O que vem em suplência à relação sexual, é precisamente o amor." Dito de outro modo, a configuração do amor é a de produzir um parceiro necessário, imprescindível. Daí os ditos dos amantes: "não posso viver sem ele(a)". "O cara-metade, na linguagem popular, designa precisamente o objeto que completa, que completa e estanca o movimento desejante." (JORGE, 2000, p.146/147).

É onde os registros imaginário e simbólico se tocam que está o amor ([1953/54]/2009, p.283), no mesmo lugar onde Lacan situou o sentido, o que nos leva a pensar que o amor é um produtor de sentido. Se entendemos o registro do real como a falta de sentido intrínseca, entendemos aí o famoso dito lacaniano de que, "quando a gente ama, não se trata de sexo" ([1972/73]/2008, p.31) e entendemos também a função do amor como tamponamento para o inexistente da relação sexual. Pois se a relação sexual está no campo do real e por isso é impossível, o amor está onde simbólico e imaginário se tocam, produzindo sentido ao que não tem sentido por si só.

Entendemos a afirmativa lacaniana de que o amor não tem relação com a própria relação sexual visto que ela está posta no campo do impossível. O amor ignora a falta que está presente desde sempre no campo do desejo, e, não bastando ignorar a falta no desejo, ainda tem a pretensão de obturá-la. Isso também nos leva a entender o amor e o desejo como opostos.

Como nos disse Lacan ([1972/73]/2008, p.14), "o amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos dois sexos". O amor vem para fazer suplência à inexistência da relação sexual, e não para fazê-la existir. O amor não elimina a falta, embora possa causar este efeito algumas vezes, pois, como disse Freud ([1929/30]/1996, p.129), "quando um relacionamento amoroso se encontra em seu auge [...] um casal de amantes se basta a si mesmo [...] em nenhum outro caso Eros se revela tão claramente o âmago do seu ser, o seu intuito de, de mais de um, fazer um único".

O restabelecimento dessa unidade se coloca como algo da ordem do impossível, já que o esforço pra atingir a unidade cessaria nesse caso. Portanto, é comum que no amor romântico, em vez de encontrarmos o "felizes para sempre", encontremos um impasse ao encontro amoroso (LACAN, [1959/60]/2008).

Se o amor consegue sustentar a ideia do Um, do ser humano em sua plenitude, isso não passa de uma ilusão, de um engano que é temporário. O amor é suplementar e por isso não pode alcançar o todo, ou estaríamos falando de um amor complementar. Daí o dito lacaniano do amor ser impotente, pois ele não elimina a falta, mesmo com ele não há relação sexual, embora o amor sirva de véu para isso.

Se a expectativa do amante recai em fazer a relação sexual existir, em fazer de dois um, em fazer desejo e amor coincidirem definitivamente, caberá ao amante mergulhar no sintoma neurótico queixoso, onde se decepciona e reivindica não ser amado como acha que deveria ser, pois ao amor não cabe a eliminação da falta, porque esta faz parte do próprio psiquismo. Por um lado, o amor eleva o objeto à categoria do Outro e o idealiza, dando o efeito de supervalorização, por outro lado, o desejo é instável e desliza de objeto em objeto.

A busca do complemento, o mito de Aristófanes nos dá sua imagem de maneira patética, e enganadora, articulando que é o outro, que é sua metade sexual que o vivo procura no amor. A esta representação mítica do mistério do amor, a experiência analítica substitui a procura, pelo sujeito, não do

complemento sexual, mas da parte para sempre perdida dele mesmo, que é constituída pelo fato de ele ser apenas um vivo sexuado, e não mais ser imortal (LACAN, 1964/1988, p.195).

Diz Lacan ([1972/73]/2008, p.53):

o amor, se é verdade que ele tem relação com o Um, não faz ninguém sair de si mesmo. Se é isto, nada mais do que isto, que Freud disse a introduzir a função do amor narcísico, todo mundo sente, sentiu, que o problema é de como é que pode haver um amor por um outro.

O amor busca transformar a instável relação objetual em uma relação estável. Aí o objeto amoroso torna-se, de dispensável e substituível, para insubstituível e indispensável. Enquanto no objeto amoroso em si, nada se altera, no amante, há uma supervalorização do objeto. Freud chama essa alteração de idealização, visto que na escolha amorosa o objeto de amor substitui o ideal do eu do próprio amante, conforme vimos no segundo capítulo. Para Lacan, a estrita equivalência do objeto e do ideal do eu na relação amorosa é uma das noções mais fundamentais nas obras de Freud ([1953/54]/2009).

Se para Lacan amar é essencialmente querer ser amado (1964/1988, p.239), isso significa que não bastando o amante idealizar o amado e torná-lo essencial, ele quer também reciprocidade aí, ou seja, quer também ser idealizado e transformado em insubstituível. A esta substituição, da função de amante em objeto amado, Lacan chamou de significação do amor ([1960/61]/1992). Nesse sentido, o amor é uma metáfora, como vimos no terceiro capítulo, pois não deixa de ser uma operação de substituição. A reciprocidade amorosa se torna, então, possível, quando ambos os parceiros ocupam o lugar de amado e também o lugar de amante.

Lacan ([1953/54]2009) diz que o desejo mira na satisfação, enquanto o amor mira no *ser*. O que o desejo busca é mais o desejo do outro e menos aquilo que o amado tem de desejável. Desse modo entendemos que o desejo aceita que o outro seja faltante. Já o amor, por sua vez, é intolerante à falta e busca preenchê-la.

Eu desejo o outro como desejante. E, quando digo como em sequer disse, não disse expressamente como me desejando, pois sou eu quem deseja, e desejando o desejo, esse desejo não poderia ser desejo de mim senão eu me reencontro nessa reviravolta onde estou bem seguro, isto é, se me amo no outro, de outra maneira, se sou eu a quem amo. Mas, então, eu abandono o desejo (LACAN, [1961/62]/2003, p.156).

O que lemos aí é que, enquanto o amor exige reciprocidade, por se fazer presente sua estrutura narcísica, o desejo não exige reciprocidade.

O amor está entre o gozo e o desejo, diante do impossível da relação sexual. No seminário sobre a angústia Lacan disse um de seus mais famosos aforismos, já citado nesta pesquisa, "só o amor permite ao gozo condescender ao desejo" (LACAN, [1962/63]/2005, p.197). Tal dito nos encaminha para uma abordagem do amor pelo real, pois é nesse campo que o amor faz suplência à inexistência da relação sexual. Aí o amor funciona como um véu em relação ao real.

Lacan nos diz que não há relação sexual entre homens e mulheres. Mas na tentativa de atravessar o impossível da relação sexual, o que existe são encontros contingentes entre os sexos. Podemos entender que é por essas invenções de como alcançar o Outro que o amor se faz existir. É o amor que transforma a contingência dos encontros em necessidade.

#### 4.7 O AMOR PARA ALÉM DO NARCISISMO

Alain Badiou, no livro "Elogio ao amor" discorre sobre as possibilidades do amor exceder ao narcisismo das relações imaginárias. Ele diz: "No mundo de hoje, é amplamente difundida a convicção de que cada um segue apenas o seu próprio interesse. O amor é então uma contraexperiência. [...] O amor é, com certeza, uma confiança depositada no acaso." (BADIOU; TRUONG, 2009/2013, p.17).

Nesse sentido o amor se marca como algo não da ordem da identificação, mas da diferença. O autor faz um apontamento de grande valor quando destaca que dizer que o amor faz suplência à relação sexual que não existe não é, de modo algum, o mesmo que dizer que o amor é um disfarce da relação sexual. Para ele, Lacan "diz que não existe relação sexual e que o amor é aquilo que surge no lugar dessa não-relação. O que é muito mais interessante. Essa ideia o leva a dizer que, no amor, o sujeito procura abordar o 'ser do outro'" (BADIOU; TRUONG, 2009/ 2013, p.18).

Assim, podemos pensar como o amor para além de uma relação imaginária em que somente há ganhos narcísicos e podemos entender o amor como, além de imaginário, algo que carrega alguma coisa que ultrapassa a repetição, indo em direção ao novo. O amor pode ser entendido como um convite ao sujeito sair do próprio gozo.

No amor é que o sujeito vai além dele mesmo, além do narcisismo. No sexo, ele está, no fim das contas, em relação consigo mesmo, com a mediação do outro. O outro serve para que ele descubra a realidade do gozo. No amor, em contrapartida, a mediação do outro tem valor para si. O encontro amoroso é isso: você sai em busca do outro para fazê-lo existir com você, tal como ele é. Essa é uma concepção muito mais profunda do que aquela, absolutamente banal, segundo a qual o amor não passaria de uma pintura imaginária sobre a realidade do sexo (BADIOU; TRUONG, 2009/2013, p.18-19).

Badiou continua em seu livro nos advertindo de que o amor não é aquilo que vem preencher o vazio da sexualidade de modo imaginário. Portanto, não podemos entender aqui o amor como fantasia, como vimos no primeiro capítulo. Nesse sentido, como dissemos, o amor está entre o imaginário e o simbólico.

Para o autor, o amor é a experiência de viver o mundo sob um prisma diferente, é experimentar o mundo a partir do dois, e não do um. Sobre esse "dois", ele diz que nasce do encontro da diferença, e que não se trata apenas do modo como um se relaciona com o outro, mas de como esses dois se relacionam com o mundo. Trata-se de um encontro da ordem do acaso, visto que não pode ser premeditado, ainda que haja empresas especializadas nos dias de hoje em promover encontros, o amor é um evento não previsível.

O amor também é, sem dúvida, como diz o poeta, 'o desejo de durar'. Mais do que isso, porém, é o desejo de uma duração desconhecida. Porque, como é sabido, o amor é uma reinvenção da vida. Reinventar o amor significa reinventar essa reinvenção (BADIOU; TRUONG, 2009/2013, p.26).

Percebemos por esse fragmento que o filósofo inscreve o amor no fator tempo. Diz que o amor se aproxima da amizade também devido à sua duração. Portanto, ele diz que o amor é algo que depende do acaso para acontecer, mas responsabiliza os amantes em sua durabilidade e reinvenção.

#### 4.8 O ENLACE ENTRE AMOR, DESEJO E GOZO ATRAVÉS DAS PALAVRAS

*Vens.  
É preciso falar de nosso amor.  
Vamos encontrar as palavras para isso.  
Não há palavras talvez.  
(Marguerite Duras)*

Vimos que o amor é uma busca pelo Outro, diferentemente do gozo, que é o gozo do objeto. Sobre isso, Lacan ([1972/73]/2008) nos demonstra que na escrita o amor se constitui em um nível em que o gozo faz articulação com o Outro do significante. Por isso, Lacan situa a carta de amor ao lado do feminino, visto que representa uma exigência de que o objeto de amor seja um Outro que fale. A carta de amor é uma escrita feita a partir do objeto de desejo como ausente, posto em movimento pela nostalgia do objeto perdido, na busca por recuperá-lo. Para ele:

a alternância, a carta de amor, não são a relação sexual. Eles giram em torno do fato de não haver relação sexual. Há então a maneira masculina de girar em torno, e depois a outra, que não designo de outro modo porque é disso que esse ano estou em processo de elaboração - como, da maneira feminina, isto se elabora. Isto se elabora pelo não-todo (LACAN, ([1972/73]/2008, p.63).

Na leitura de uma carta de amor o que se encontra é a demanda de um sujeito em busca do desejo do Outro. Percebemos a sua especial importância do lado feminino, que diante da falta de um significante fálico que possa circunscrever e organizar o gozo, supõe que nela possa encontrar algo que dê sustentação ao seu ser, que não se identifica pelo gozo fálico, como acontece com o homem. Por isso, as palavras de amor de um homem permitem que o seu gozo fixe-se em algum lugar e não fique à deriva.

Se a diferença nos modos de gozo feminino (na erotomania) e masculino (no fetichismo) separa os sexos, nas palavras de amor encontra-se uma ancoragem para eles. É por meio da palavra que amor, desejo e gozo podem convergir. Para o homem muitas vezes é difícil falar, pois o amor masculino está ao lado do gozo, e o gozo é mudo. Por isso Zalcberg (2008, p.174) diz: "O homem impõe uma divisão à mulher pelo Gozo. A mulher impõe uma divisão ao homem pelo Amor."

A exigência da fala de amor fica condenada à infinitude, pois a relação sexual não cessa de não se escrever. Esta é a posição feminina diante do amor, pois são as mulheres que demandam um suplemento de inconsciente, um suplemento que a fizesse sujeito lá onde ela não o é. Por isso, para algumas mulheres é preciso que haja amor como condição para poderem gozar sexualmente.

Se há algo que as mulheres querem, é fazer coincidir o amor com o gozo, para tanto, querem palavras de amor. Os homens são muito reticentes às palavras de amor. Isso enraivece as mulheres tremendamente. Haveria que se aconselhar às mulheres que nunca peçam palavras de amor aos homens. Porque a única maneira de consegui-las é não as pedindo. Vocês sabem que a demanda é sempre inversa ao desejo. Para que um homem deseje dizer palavras de amor, não se pode pedi-las, porque senão é uma reivindicação [...] Haveria que se aconselhar aos homens que digam-lhes palavras de amor por conta própria, mas os homens são muito prudentes nesse ponto, e sabem que se dizem uma palavra de amor a uma mulher, depois têm que cumpri-la. [...] Em geral o homem resiste às palavras de amor porque sabem que elas lhe comprometem. E as mulheres só querem escutar palavras de amor porque não podem gozar sem amar (TORRES, 2012, p.70, tradução nossa).

Assim como o gozo feminino é ilimitado, a demanda de amor da mulher também o é, erotômata nesse sentido. As mulheres pedem ao homem que gozem de seu corpo inteiro e também que lhes falem disso. Para elas, amar, falar e gozar estão juntos (TORRES, 2012, p.92).

Para Laurent (2011), do lado feminino, no entanto, é necessário que o amado fale. As mulheres não podem consentir a sexualidade sem que seja depois de uma longa preparação que consiste essencialmente em ser envolta com palavras, para depois consentir.

#### 4.9 O AMOR NÃO FAZ A RELAÇÃO SEXUAL EXISTIR

*Escrever.  
Não posso.  
Ninguém pode.  
É preciso dizer: não se pode.  
E se escreve.  
(Marguerite Duras)*

Ainda que fazer a relação sexual existir seja impossível, isso não impede que o falante continue acreditando na existência dela. O objeto de amor se constituirá como uma construção imaginária que visa preencher uma falta estrutural, a do campo sexual, na tentativa de suprir a inexistência da relação sexual, a impossibilidade da plena coincidência entre amor e desejo.

Assim, entendemos que o amor aparece para suprir a inexistência de uma relação direta entre os sexos. A relação entre homens e mulheres é sempre mediada por alguma outra coisa: pela linguagem, pelo falo, pelo narcisismo, pela fantasia, pelo gozo. Homens e mulheres, embora sejam seres falantes, não falam a mesma língua.

O que o amante pretende é uma relação de complementaridade com o objeto, que teria supostamente existido outrora e então sido perdida. Mas essa suposta ideia de não existência do desamparo também é imaginária.

Ainda assim, o amor não faz de dois apenas um. O amor não aniquila a falta e nem elimina o mal-estar do homem no mundo. O amor pretende fazer parar o deslizamento metonímico do desejo, mas se consegue lhe dar alguma estabilidade, não é toda. A escolha do objeto amoroso muitas vezes parece ter a pretensão de retornar à mítica satisfação original. Como se fosse possível que o amado não comportasse também uma falta e pudesse transmitir essa completude ao amante, que, como vimos em Freud, pretende restabelecer seu narcisismo perdido. O amado não é completo e não completa o amante. Mas o amado é também faltante, idealizado e não para de mandar notícias de sua alteridade, o que muitas vezes acaba por impulsionar o amante a ir em busca de novos objetos, novamente cedendo ao deslizamento do desejo.

Portanto, não se trata de encontrar o parceiro ideal, como se fosse possível remediar por via do amado a inexistência da relação sexual, pois esta é condição para as relações amorosas, e não consequência de escolhas erradas.

Ainda que a versão do amor como busca da completude tenha atravessado séculos e insista mesmo nos dias de hoje, a verdade é que no núcleo das relações amorosas, há um encontro faltoso.

Cada um só pode buscar a sua felicidade a partir do seu corpo, da sua fantasia, do seu narcisismo, do seu próprio modo de gozar. Há um impossível que não pode ser recuperado, mas é o que permite o vazio necessário para o estatuto do objeto causa de desejo. Amor e desejo podem convergir para o mesmo objeto, mas isso não significa dizer que haja uma relação intrínseca entre eles.

Com Lacan, podemos recortar o amor nos três registros. No imaginário: "o amor daquele que deseja ser amado é, essencialmente, uma tentativa de capturar o outro em si mesmo" (LACAN, [1953/54]/2009, p.359). No simbólico: "que o único signo de amor que efetivamente vale é dar-se o que não se tem" (LACAN, 1956/57]/1995, p.153). No real: só o amor permite ao gozo condescender ao desejo (LACAN, [1962/63-2005]/p.197).

Para Zalcberg (2008, p.105): "No nível imaginário, amar é demandar. No nível simbólico, amar é desejar. No nível real, amar é gozar." Com tal citação percebemos que esta dissertação mirou no que tange ao encontro do imaginário com o simbólico, campo esse que é justamente onde o amor se localiza.

Caldas (2008) questiona "o que um sujeito pode ou não fazer com a repetição e o retorno do real: ele pode encontrar o mesmo para fazer igual ou diferente; viver o mesmo de novo ou viver o novo uma vez mais; subjetivar o imprevisto com as mesmas leis ou inventar variações novas para elas."

O amor se funda num encontro bem-sucedido para sustentar o que é possível e necessário – fazer fracassar o desejo inconsciente cuja lei é o encontro sempre faltoso (ANDRÉ, 1986/2011, p.303). É da natureza do amor estar para além da repetição.

Por isso percebemos que o amor lacaniano aponta para algo que é da ordem da novidade, para além da repetição. Sobre isso, Torres (2012, p.11) diz:

Não há maneira de fazer coincidir o objeto do desejo, com o objeto do amor e com o objeto do gozo. Nem a família nem o matrimônio pretendem cobrir esse irreduzível, esse vazio que se instala diante da impossibilidade de recobrir esses três campos. O analista lacaniano jamais pretenderá cobrir

esse irreduzível, ao contrário, se encarregará de acompanhar o analisante nas diversas soluções que irá encontrando ao longo de sua análise e também de sua vida para poder viver com ele. É de se esperar, que ao final, cada um encontre a sua solução, que será singular e que não cobrirá esse irreduzível. (Tradução nossa).

Afirmamos no início desta dissertação: não se pode saber do amor, a não ser enroscado em suas próprias cordas. Assim, como seria possível uma dissertação com este tema? Ao que Lacan ([1972/73]/2008, p.90) nos responde: "Falar de amor é, em si mesmo, um gozo."

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos a presente dissertação com várias questões, mas uma delas se fez norteadora na construção desta pesquisa: quais são as aproximações e os afastamentos entre amor e desejo?

Para respondê-la, no primeiro capítulo refletimos acerca do desejo em psicanálise, que é o que nos inaugura como humanos e nos permite a inserção no mundo da linguagem. Estudamos a experiência de satisfação, que é de onde surge a mítica ideia de completude anterior, pela qual o desejo ansiará. Vimos que o desejo é efeito de uma falta que nos é transmitida pelo Outro e que por isso não tem objeto. O desejo, portanto, desliza de objeto em objeto, sempre referido a um vazio, chamado *das Ding*, que é o que permite que o desejo circule. Porém, se, por um lado, o desejo não tem objeto correspondente à sua satisfação na realidade, por outro lado, é a fantasia quem dá suporte ao desejo, visto que será ela quem fixará o desejo em uma relação com o objeto que contém alguma estabilidade.

Portanto, mediados pela fantasia nos dirigimos a estudar o tema do amor, na tentativa de entender a relação do amor com a fantasia. Assim, vimos que, para Freud, o amor é a repetição de uma experiência infantil, e que nesse sentido o amor é um reencontro (1905). Para Freud, o amor é uma tentativa de restabelecimento de um narcisismo que fora perdido e que por isso é narcísico. Guiados por Freud, falamos no segundo capítulo sobre o narcisismo e a idealização do amado. Vimos que desde Freud há uma diferença posta nos modos feminino e masculino de amar e desejar, encontrando no modo masculino uma complexidade particular no que se refere às disjunções entre o objeto de amor e o objeto de desejo, e no feminino há uma tendência à convergência do amor e do desejo ao mesmo objeto.

Nesse percurso chegamos à relação entre amor e desejo que Lacan também nos propõe no início de seu ensino, um amor que visa ao restabelecimento de um narcisismo primário, quando diz que queremos ser amados por tudo e que quem deseja ser amado encontra pouca satisfação ([1953/54]/2009).

Percebemos como o amor está no campo do não saber, visto que aquele que ama, o faz por razões desconhecidas. Essa relação do amor com o desejo e o saber nos encaminhou ao tema da transferência analítica, sobre o qual falamos

brevemente. Chegamos, então, à ideia do amor como uma possível significação para o vazio que o desejo não cansa de denunciar.

No terceiro capítulo estudamos a metaforização do desejo como aquilo que permite que o amor se faça presente. Dessa maneira entendemos que o amor permite que o desejo faça uma pausa, introduzindo aí alguma estabilidade. Tanto no amor quanto no desejo, trata-se de modos de operar com a falta de objeto. Por isso vimos de que modos ela pode se apresentar, por meio da privação, da frustração e da castração. Vimos também que o amor cortês está inscrito no regime da privação, protegendo, assim, os amantes de lidarem com o impossível da relação entre os sexos, já que o amor cortês disfarça o impossível de interdito, velando o impossível da complementaridade entre os sexos.

Para entender o impossível dessa complementaridade, fez-se imprescindível o estudo do conceito de gozo, tanto porque para Lacan o impossível da relação entre os sexos se dá pelos diferentes modos como o feminino e o masculino gozam, quanto porque Lacan coloca o amor como uma possibilidade de conduzir o gozo ao desejo.

Estudamos, então, a relação entre amor, desejo e gozo para entender o dito lacaniano de que o amor é o que faz suplência à inexistência da relação sexual. Vimos a posição erotomaníaca e a posição fetichista com o objetivo de compreendermos um pouco das dissimetrias amorosas.

Portanto, conforme a tabela que apresentamos no quarto capítulo, no que concerne à relação entre amor e desejo, concluímos que eles divergem em relação à falta, para onde apontam, em relação ao objeto, em relação à sexualidade e ao registro no nó borromeano. Por outro lado, amor e desejo se aproximam por meio da falta, pois tanto para amar quanto para desejar é preciso que algo falte.

Podemos considerar também que o gozo permite uma aproximação entre amor e desejo, isso porque desejo e gozo se relacionam ou por meio do amor, ou por meio da angústia. Daí o dito lacaniano de que é o amor que conduz o gozo ao desejo. Enquanto o amor se dá entre o imaginário e o simbólico, a angústia aparece entre o imaginário e o real. Para Lacan, o amor pode enganar, por estar ligado à fantasia, enquanto a angústia é aquilo que não engana.

Assim, se por um lado concluímos que amor e desejo são disjuntos na maior parte de seus aspectos, por outro lado um imenso leque de estudo nos é aberto com a inserção dos temas do gozo e da angústia.

Concluimos, então, que enquanto em Freud encontramos uma teoria narcísica sobre o amor, visto que a escolha do objeto se fazia mediante tentativa do restabelecimento do narcisismo primário, com uma leitura lacaniana e com a inauguração do conceito do *objeto a*, vimos que a escolha amorosa não é feita apenas pelo próprio referencial do sujeito que escolhe, mas que diz respeito também ao real traço do outro, portador do *objeto a*.

Por isso esta dissertação aponta para a ideia de que não há possibilidade de estabilizar uma conjunção entre amor e desejo, pois são as suas disjunções que mantêm o amor, assim como o desejo, acesos, pois é pela impossibilidade da existência da relação sexual que encontramos a possibilidade do amor. O amor aparece como aquilo que faz uma pausa na metonímia do desejo, mas não a paralisa em definitivo.

Alain Badiou diz que: "O desejo é uma força imediata, mas o amor exige, além disso, reprises". (BADIOU; TRUONG, 2009/2013, p.53) É por isso que os amantes se apegam às palavras de amor, que não devem ser ditas apenas uma vez, mas várias e de diferentes modos. Se em Freud o amor é uma repetição, em Lacan encontramos algo novo mesmo na repetição. É por isso que o amor não cansa de ser dito e que os amantes não cessam de demandar que ele seja repetidamente falado.

Nesse sentido, presentificar o amor, mesmo com toda a instabilidade do desejo, é um convite aos amantes a saírem do narcisismo. Para Badiou: "O mundo está, com certeza, cheio de novidades, e o amor também deve ser considerado dentro dessa inovação. É necessário reinventar o risco e a aventura, em oposição à segurança e ao conforto." (BADIOU; TRUONG, 2009/2013, p.14).

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, S. (1986). **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BADIOU, A.; TRUONG, N. (2009). **Elogio ao amor.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BRAUNSTEIN, N. **Gozo.** São Paulo: Escuta, 2007.

CALDAS, H. O amor nosso de cada dia. **Opção Lacaniana** (online), p.1-8, 2008. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/pdf/artigos/HECOamor.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2014.

CALDAS, H. O delírio no cotidiano do amor. **Latusa, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n.13, 2010. Disponível em: [http://www.latusa.com.br/pdfs/pdf\\_latusa\\_digital\\_42\\_43\\_a2.pdf](http://www.latusa.com.br/pdfs/pdf_latusa_digital_42_43_a2.pdf). Acesso em: 20 fev. 2014.

DARRIBA, V. A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto a. **Ágora**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, jan. 2005 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982005000100005&](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982005000100005&). Acesso em: 05 maio 2014.

DOR, J. (1989) **Introdução à leitura de Lacan.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

ELIA, L. **Corpo e sexualidade em Freud e Lacan.** Rio de Janeiro: Uapê, 1995.

FERREIRA, N. P. **A teoria do amor.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FREUD, S. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, E.S.B. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 24v.

\_\_\_\_\_ (1893). **Psicoterapia da histeria.** Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v.2.

\_\_\_\_\_ (1893). **Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar.** Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v.2.

\_\_\_\_\_ (1893/1895) **Estudos sobre a histeria.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.2.

\_\_\_\_\_ (1950[1895]). **Projeto para uma psicologia científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.1.

\_\_\_\_\_ (1899). **Lembranças encobridoras**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.3.

\_\_\_\_\_ (1900). **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.4.

\_\_\_\_\_ (1900/1901). **A interpretação dos sonhos (II) e sobre os sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.5.

\_\_\_\_\_ (1905). **Tratamento psíquico (ou anímico)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v.7.

\_\_\_\_\_ (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v.2.

\_\_\_\_\_ (1906/1907). **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.9.

\_\_\_\_\_ (1908). **Romances familiares**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.9.

\_\_\_\_\_ (1910). **Cinco lições de psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v.11.

\_\_\_\_\_ (1910). **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v.11.

\_\_\_\_\_ (1910). **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v.11.

\_\_\_\_\_ (1912). **A dinâmica da transferência**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v.12.

\_\_\_\_\_ (1912). **Contribuições à psicologia do amor**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v.11.

\_\_\_\_\_ (1912). **Tipos de desencadeamento da neurose**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v.11.

\_\_\_\_\_ (1912). **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. v.11.

\_\_\_\_\_ (1913). **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.13.

\_\_\_\_\_ (1914). **Sobre o narcisismo: uma Introdução**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.11.

\_\_\_\_\_ (1915). **O instinto e suas vicissitudes**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v.14.

\_\_\_\_\_ (1915). **Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v.12.

\_\_\_\_\_ (1915/1916). **Conferência XXIII, O caminho da formação dos sintomas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.16.

\_\_\_\_\_ (1921). **Psicologia de grupo e a análise do ego**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.18.

\_\_\_\_\_ (1924). **A perda da realidade na neurose e na psicose**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.19.

\_\_\_\_\_ (1929/1930). **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.21.

GARCIA-ROZA, L. A. (1993). **Introdução à metapsicologia freudiana 2**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_ (1994). **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. v.1.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. v.2.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LACAN, J. (1953-1954). **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_ (1956-1957). **O Seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_ (1958). A significação do falo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.692-703.

\_\_\_\_\_ (1959-1960). **O Seminário, livro 7**: a ética da psicanálise. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_ (1960-1961). **O Seminário, livro 8**: a transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_ (1960). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p.734-745.

\_\_\_\_\_ (1960). Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. p.807-842.

\_\_\_\_\_ (1961-1962). **O seminário, livro 9**: a identificação. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

\_\_\_\_\_ (1962-1963). **O Seminário, livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_ (1964). **O Seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_ (1972-1973). **O Seminário, livro 20**: mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_ (1973). O aturdido. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.448-497.

\_\_\_\_\_ (1974). Televisão. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.508-543.

LAURENT, E. La disparidad en el amor. **Virtualia**, v.2, n.2, ano 1, 2001. Disponível em: <<http://www.eol.org.ar/virtualia/002/notas/laurent-02.html>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. **A psicanálise e a escolha das mulheres**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

McGUIRE, W. **The Freud/Jung Letters: The correspondence between Sigmund Freud and C.G. Jung.** MA. Harvard University Press: Abridged Edition, 1974.

MIJOLLA, A. **Dicionário internacional da psicanálise.** Rio de Janeiro: Imago, 2002.

MILLER, J-A. Introdução à leitura e referências do seminário 10. **Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise**, São Paulo, n.43, p.7-81, 2005.

\_\_\_\_\_. Convergência e divergência. **Opção Lacaniana** (online), ano 1, n.2, 2010a. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_2/Convergencia\\_e\\_divergencia.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Convergencia_e_divergencia.pdf)>. Acesso em: 05 maio 2014.

\_\_\_\_\_. Do amor à morte. **Opção Lacaniana** (online), ano 1, n.2, p.1-16, jul. 2010b. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_2/Do\\_amor\\_a\\_morte.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Do_amor_a_morte.pdf)>. Acesso em: 30 maio 2014.

\_\_\_\_\_. O amor entre a repetição e a invenção. **Opção Lacaniana** (online), ano 1, n.2, p.1-17, jul. 2010c. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_2/O\\_amor\\_entre\\_repeticao\\_e\\_invencao.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/O_amor_entre_repeticao_e_invencao.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2014.

\_\_\_\_\_. Os seis paradigmas do gozo. **Opção Lacaniana** (on-line), v.3, n.7, p.1-49, 2012. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_7/Os\\_seis\\_paradigmas\\_do\\_gozo.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2014.

RADAELLI, J. **O nonsense no país das maravilhas: o que Alice ensina à educação.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação, São Paulo, 2012.

TORRES, M. **Cada uno encuentra su solución.** Buenos Aires: Grama Ediciones, 2012.

ZALCBERG, M. **A relação mãe-filha.** Rio de Janeiro: Campus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Amor paixão feminina.** Rio de Janeiro: Campus, 2008.

\_\_\_\_\_. Os tempos do amor. **Cogito**, Salvador, v.12, 2011 . Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792011000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792011000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 07 jun. 2014.